

Viver IFRS

ISSN 2318-9665
e-ISSN 2318-9665



PROJETO SOLIDÁRIO
campus serviu de abrigo
e ponto de recebimento
de donativos para
famílias desabrigadas

EXTENSÃO na comunidade

CAPACITAÇÃO

de produtores rurais
da região do vale
do rio caí

01

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

e Monitoramento Climático
no Rio Grande do Sul.

07

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

////////////////////

23

e-ISSN 2674.6867

***Viver*IFRS**

Revista da Pró-reitoria de Extensão do IFRS

**EXTENSÃO NA
COMUNIDADE**

Nº 12 | 2024

Expediente

ViverIFRS Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS

\\Reitor

Júlio Xandro Heck

\\Pró-reitora de Extensão

Marlova Benedetti

\\Comissão Editorial – Pró-reitoria de Extensão do IFRS

Marlova Benedetti

Luciani Figueiredo Santin

Iury de Almeida Accordi

\\Conselho Científico

Adair Adams (IFRS)

Adriana Regina Corrent (IFRS)

Carina Dartora Zonin (IFRS)

Carine Popiolek (IFRS)

Claudio Fioreze (IFRS)

Daiane Toigo Trentin (IFRS)

Getúlio Jorge Stefanello Júnior (IFFar)

Graciela Fagundes Rodrigues (IFFar)

Josiane Roberta Krebs (IFRS)

Leila de Almeida Castillo (IFRS)

Leila Schwarz (IFRS)

Magali Inês Pessini (IFSC)

Marlova Benedetti (IFRS)

Maurício Polidoro (IFRS)

Nícolaus Fonseca (IFRS)

Raquel de Campos (IFRS)

Sabrina Arsego Miotto (IFRS)

Tatiana Teixeira Silveira (IFRS)

\\Comissão Técnica

Editor-chefe– Iury de Almeida Accordi (IFRS)

Administrador de TI– Paulo César Machado (IFRS)

Jornalismo – Carine Simas da Silva (IFRS)

\\Entrevista

Iury de Almeida Accordi (IFRS)

\\Projeto Gráfico e Capa

Oberti do Amaral Ruschel (IFRS)

Maria Eduarda Resch

\\Diagramação

Editora Duarte

\\Revisão de texto

Adriano Ernesto Trindade

Bianca Deon Rossato

Diego Ravarotto da Costa

Dominique de Melo Franco Campelo Oliveira

Elaine Pereira

Everton Felipe Tenório da Silva Santos

Lisiane Delai

Mayara Corrêa Tavares

Pedro Panhoca da Silva

Renata Cecilia Estormovski

Simone Xavier Moreira

Tatiana Prevedello

\\Endereço

Rua General Osório, 348 – sala 601 – Centro

CEP: 95700-086 – Bento Gonçalves/RS

Telefone: (54) 3449.3370

viverifrs@ifrs.edu.br

<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS>

Os relatos de experiência publicados nesta edição são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre o seu conteúdo à Revista Viver IFRS ou ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Os relatos podem ser reproduzidos total ou parcialmente, desde que a fonte seja devidamente citada e seu uso seja para fins acadêmicos.

Viver IFRS: Revista da Pró-reitoria de Extensão do IFRS.
Bento Gonçalves, nº 12, 2024.

Editorial

Em 2024, o Rio Grande do Sul viveu um dos momentos mais desafiadores de sua história recente. As enchentes que atingiram centenas de municípios revelaram, de forma dramática, a vulnerabilidade das cidades diante das mudanças climáticas e da intensificação de eventos extremos. Ao mesmo tempo, porém, expuseram algo igualmente poderoso: a capacidade de mobilização, solidariedade e compromisso coletivo da sociedade.

Esta edição da Revista Viver IFRS nasce nesse contexto. Mais do que registrar acontecimentos, ela busca refletir sobre o papel da extensão e das instituições públicas de educação diante de situações que desafiam não apenas estruturas físicas, mas também valores sociais, humanos e institucionais.

O relato que abre esta edição apresenta a experiência do Campus Canoas do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, que transformou seus espaços acadêmicos em abrigo temporário para centenas de pessoas afetadas pelas enchentes. A iniciativa, construída de forma coletiva por servidores, estudantes, voluntários e parceiros institucionais, evidencia de maneira concreta o sentido da extensão: a interação viva entre instituição e sociedade, baseada na escuta, na colaboração e na ação solidária.

Mais do que um espaço de acolhimento emergencial, o campus tornou-se um ponto de encontro de diferentes saberes, competências e iniciativas. Projetos de extensão surgiram a partir das necessidades observadas no cotidiano do abrigo, envolvendo estudantes e professores em soluções práticas que impactaram diretamente a vida das pessoas atingidas. Essas experiências demonstram como o conhecimento produzido no ambiente acadêmico pode ganhar sentido social quando dialoga com as demandas reais da comunidade.

Esta edição também apresenta relatos que abordam memória institucional, formação de professores e práticas inclusivas, reafirmando a diversidade de ações extensionistas desenvolvidas no IFRS. Cada texto revela, à sua maneira, como a extensão contribui para fortalecer vínculos, preservar histórias e promover transformações sociais.

Diante de desafios cada vez mais complexos, a educação pública tem um papel fundamental na construção de respostas coletivas. O que esta revista procura mostrar é que, quando conhecimento, sensibilidade e compromisso social caminham juntos, surgem possibilidades reais de transformação.

Que as experiências compartilhadas nesta edição inspirem novas ações, novos projetos, novas ideias e, sobretudo, reforcem a convicção de que a educação pública, quando conectada à comunidade, é capaz de produzir esperança, solidariedade e um futuro melhor.

Marlova Benedetti
Pró-reitora de Extensão

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS

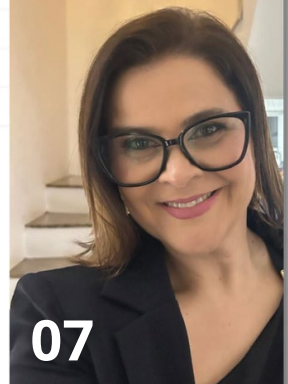
Sumário

ENTREVISTA

07

Com Patrícia Nogueira Hübler

Diretora-Geral do Campus Canoas do IFRS



07

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

23

Resgate de memórias dos 15 anos do Curso Tecnologia em Logística do IFRS Campus Bento Gonçalves

Evelyn de Farias da Silveira, Victória Dutra Kellermann, Augusto Basso Veber, Fabiane Cristina Brand

29

Relato de experiência de um curso de formação de professores em educação especial: interlocução com as práticas pedagógicas do cotidiano

Fernanda Ferreyro Monticelli, Aline Oliveira de Castilhos, Aline Regina Horbach

39

A FASE vai à Feira com o IFRS: parcerias que ressignificam

Izandra Alves, Viviane Diehl, Catharine Isadora Nonemacher Ledur, Julia John Antonio

48

Bandas no Prelúdio 2023: o recomeço do projeto pós-pandemia

Maria Amélia Benincá de Farias, Taise Cristina Garcia

56

Práticas para melhorias da qualidade e higiene do leite

Laís Paula Tomazeli, Daniela Marques de Oliveira, Ariel Silveira de Almeida, Carla Verônica Vasconcellos Diefenbach

64

Clube de leitura - mulheres: desafios e ações no ano de 2024

Laura Rech Gonçalves, Gláucia da Silva Henge



29



39



48

70 **A leitura de documentos orientadores e a leitura de textos literários como prática docente: uma experiência no Programa Residência Pedagógica**
Giovani Forgiarini Aiub, Luana Paula Maldaner, Jaqueline Maria Wilmsen, Elisângela Xavier Martiny, Samanta Soares Flores

83 **Educação Ambiental Popular e Monitoramento Climático no Rio Grande do Sul: uma Abordagem Integrada para o Letramento Climático**
Marthina Levenzon Pimentel, Gabriela Gatelli Alves, Daniel de Oliveira Pereira, Cassiano Pamplona Lisboa

91 **Educação Ambiental Popular numa perspectiva dialógica, colaborativa e integrativa de saberes científicos e experienciais**
Cassiano Pamplona Lisboa, Anielli de Cássia Canuto, Jéssica Réquia Blini Duarte

98 **Capacitação de pequenos produtores rurais da Região do Vale do Rio Caí para emissão de notas fiscais eletrônicas na atividade rural**
Liane Maria Schuster, Lais Flach Kunrath, Brenda Preussler, Suzerly Buhler de Jesus, Júlio César de Vargas Oliveira



////////////////////

ENTREVISTA



com

Patrícia Nogueira Hübler

Diretora-Geral do Campus Canoas do IFRS

A TRAGÉDIA CLIMÁTICA DE 2024 REVELOU NOSSAS FRAGILIDADES E, TAMBÉM, NOSSA HUMANIDADE

Entrevista

Iury de Almeida Accordi

Em maio de 2024, o Estado do Rio Grande do Sul enfrentou a pior tragédia climática de sua história, provocada por chuvas extremas e inundações generalizadas. Uma combinação de fatores meteorológicos, como o bloqueio atmosférico e o acúmulo de umidade da Amazônia resultaram em precipitações superiores a 500 mm em poucos dias, superando médias históricas e colapsando cidades inteiras. Mais de 470 municípios foram afetados, com destaque para Porto Alegre, Vale do Taquari, Serra Gaúcha e Região Metropolitana. O desastre causou mais de 170 mortes, dezenas de desaparecidos e cerca de 600 mil pessoas ficaram desabrigadas ou desalojadas. A infraestrutura foi gravemente danificada, com rompimento de pontes, bloqueio de rodovias, paralisação de hospitais, escolas, serviços básicos e colapso do abastecimento de água, energia e combustível em várias regiões.

As consequências ambientais foram severas: rios contaminados, solos poluídos, destruição de áreas rurais e morte de animais. No campo econômico, os prejuízos somaram bilhões de reais, com paralisação da produção agropecuária, industrial e comercial. A tragédia revelou a profunda vulnerabilidade do estado diante das mudanças climáticas e evidenciou a urgência de políticas públicas voltadas à prevenção de desastres, à adaptação urbana e à reconstrução resiliente. O episódio também revelou ações solidárias que deram respostas imediatas de acolhimento e assistência aos desabrigados em razão desse desastre climático sem precedente. O Campus Canoas do Instituto Federal foi um exemplo de solidariedade e a REVISTA VIVER IFRS traz à luz essa experiência trágica e ao mesmo tempo revestida de uma ação humanitária enriquecedora pelas palavras da Professora PATRÍCIA NOGUEIRA HUBLER, Diretora do IFRS – CAMPUS CANOAS.

REVISTA VIVER IFRS: Patrícia, agradeço aceitar o convite. Nessa entrevista vamos abordar os trabalhos relacionados à Extensão que, direta ou indiretamente, o Campus Canoas realizou ao longo de 2024 em relação aos eventos climáticos extremos e que, literalmente, deixaram metade do Município de Canoas embaixo d'água. Como o Campus Canoas se organizou para atuar como um abrigo temporário durante as enchentes?

Patrícia Nogueira Hubler: O trabalho começou no dia 4 de maio, mas, antes de nós abrirmos as portas do Campus para receber a comunidade de Canoas, eu tentava entrar em contato com a Prefeitura e tentei todos os contatos que eu tinha para disponibilizar o Campus para abertura, para receber as pessoas. Porque uma convicção que eu tinha, e tinha conversado também com a minha equipe diretiva, é que nós não podíamos abrir o Campus sem o apoio, sem o acompanhamento do ente municipal. Tanto que desde o dia 2 de maio, que foi uma quinta-feira, a comunidade já dizia: “Patrícia, tem que abrir as portas do Campus, tem que abrir, e eu banquei”. Eu disse: “não, não vou abrir as portas do Campus, eu estou acompanhando, eu só vou abrir as portas do campus quando a Prefeitura me sinalizar, porque nós temos que ter o acompanhamento do ente municipal”. E aí entrava em contato dizendo: “olha, a hora que vocês precisarem, o Campus Canoas está à disposição”. Então, muitas pessoas da Prefeitura já sabiam desse nosso movimento.

No dia 4, que foi o sábado, as coisas pioraram extremamente no Município de Canoas. Na madrugada do dia 3 para o dia 4, todos os abrigos começaram a ser abertos um atrás do outro. E aí eu comecei a reforçar mais ainda o contato com a Prefeitura para sinalizar a disponibilidade do Campus para ser aberto. E isso aconteceu às 6 da tarde. Foi quando o pessoal me ligou e eu estava com carros de doações para o Município de Canoas. Eu desviei esses carros e nós já nos deslocamos direto para o Campus. Mandeí uma mensagem para o WhatsApp do grupo de servidores e disse: “pessoal, em 20 minutos o Campus começará a receber a população de Canoas. Bora para o Campus Bora para o Campus porque nós seremos um abrigo temporário!” Chego a me arrepiar.. (Só um pouquinho!) Porque lembrar não é fácil. Foi tenso! E na hora eu cheguei, era o meu carro cheio de doações e mais dois carros. Os vigilantes abriram a porta e começou a chegar servidor. Começou a chegar aluno. E a gente começou, cada um pegou numa ponta. Então, era gente arrastando classe; era gente botando mesa para aquele saguão; era gente abrindo porta; era gente pegando colchonete de onde tinha, tatame de onde tinha para colocar nas salas. Então, não teve uma organização. A

organização foi acontecendo. As melancias foram se ajustando com o andar da carruagem. E foi isso!

No primeiro dia, foi loucura. A gente tinha que manter as pessoas aqui dentro, elas estão mais secas do que lá fora. Então, abre as portas! Tanto que nós tínhamos disponibilizado para a Prefeitura 250 lugares. Pensei, em centralizar tudo nas salas de aula, no bloco de salas de aula, na parte de baixo. A Prefeitura mandou duas pessoas para nos ajudarem a organizar isso. Quando eles chegaram, eles disseram: professora, está demais! 250! O que tu consegues mais? Aí eu disse: bom, eu consigo a mais, talvez, olhando as salas, vamos liberar isso daqui, aí laboratório a gente foi afastando, sala de expressões foi afastando. Umas 300 pessoas, tá? E essas 300 pessoas estouraram. – “Patrícia, o que a gente consegues mais”? Eu disse: vamos colocar 400 pessoas. Aí começamos a colocar o saguão e era saguão cheio. – “Patrícia, lotou!” Eu disse: “não, então eu tenho um prédio de laboratórios que eu isolo”. Abrimos mais quatro salas e chegamos à quantidade de 450 vagas, que era o que a gente contabilizava, mas passaram mais de mil pessoas. Registradas nos nossos controles, tiveram 742 pessoas registradas. Por que eu digo registradas? Porque na hora que as pessoas chegavam, era anotação em papel. Depois, desse papel, a gente passou para um Excel. Só que desse Excel, algumas linhas foram apagadas. Então, registradas, é o que a gente manteve sem apagar. Muito mais de mil pessoas passaram pelo Campus Canoas. E se a gente contabilizar voluntários, ou pessoal que veio de outros estados e que ficaram alojados lá, com certeza, muito, muito mais do que mil pessoas passaram pelo nosso Campus em trinta dias. Então, a pergunta sobre a organização prévia, não existiu! Foi uma vontade e a necessidade que o Município teve de abrir as portas do Campus Canoas para atender as pessoas. E foi se organizando aos poucos.

REVISTA VIVER IFRS: Tu já adiantaste que uma das parcerias foi a Prefeitura de Canoas. Então, teve outras parcerias e colaborações estabelecidas para viabilizar o acolhimento?

Patrícia Nogueira Hubler: Muitas! A primeira delas que eu quero citar é a dos servidores do IFRS. Do IFRS, não só do Campus Canoas. Dos outros campi, pessoal do Campus Viamão, a pessoa da diretora, a professora Mayra, ela entrava em contato comigo todos os dias, todos os turnos. E enchia camionetes, e não só a Mayra, o pessoal da Restinga também, o pessoal de Alvorada, próximo de Porto Alegre, mas o pessoal de Viamão que

enchia caminhonete, às vezes 4, 5, 6 horas de estrada num trajeto de trinta quilômetros para nos levar mantimentos porque a gente não tinha nada. O pessoal de Vacaria montou uma caravana e passaram noites conosco lá. Nós tínhamos colegas de Ibirubá. Então, daqui a pouco eu vou começar a citar campus e vai faltar. O pessoal do Campus de Bento, arrecadando e mandando ônibus. Empresas que mandavam doações. Recebemos doações de colchões da iniciativa privada. Eu não vou citar as empresas, até para não cometer gafe. Travesseiros, água, alimentos. E o pessoal dizia: - “Patrícia, tem que ser aí. Se não for no Campus Canoas do Instituto Federal eles não entregam em nenhum outro lugar”.

Dada a credibilidade do Instituto Federal e do trabalho que a gente estava fazendo. A água, por exemplo, no final do abrigo, eu doe para a comunidade externa e também repassamos para o centro de distribuição do Município de Canoas que já estava bem organizado. Porque ou descarregava a água em Canoas ou eles não mandavam, pela credibilidade que eles sabiam que ia chegar para quem precisava. Isso aconteceu com outras doações também. Nós tivemos o apoio de Institutos Federais de todo o Brasil. O pessoal montava caminhões e descarregava em Canoas. Pessoas individuais que entravam em contato que conseguiram o nosso contato por intermédio de outros voluntários. Diziam: - eu estou arrecadando em Santa Catarina, eu estou enchendo um caminhão com doações de voluntários individuais e vou mandar para Canoas. Então, foi muito lindo esse movimento! E só foi possível por causa disso. Alimentos, toda a confecção de marmitas, porque nós não temos cozinha, nós não fazemos almoço e jantar, nós temos uma cantina terceirizada em Canoas. Então, nesse momento o espaço da cantina terceirizada foi utilizado e nós tivemos, inclusive, os proprietários da cantina trabalhando como voluntários lá dentro, mas a disponibilização de alimentos era por marmita. Eram pessoas voluntárias também, algumas empresas e outras que se reuniam na comunidade para confeccionar esses alimentos para disponibilizar almoço, jantar, café da manhã, lanche, que viajava uma, duas horas para levar marmitas para a gente. Tudo isso só foi possível pela organização da população de todo o Brasil. Não foi só o pontinho ali do bairro Igara onde nós estamos que se mobilizou. Não, todo o Brasil se mobilizou para ir lá para nos ajudar.



Figura 1. Disposição das famílias na área externa do campus.

Fonte: Acervo do Campus Canoas (2024).

REVISTA VIVER IFRS: Bom, então, um pedaço da terceira pergunta você já respondeu, mas o que mais te marcou em termos de solidariedade e apoio prestado pela comunidade acadêmica?

Patrícia Nogueira Hubler: Ah, sim! Os estudantes estavam lá direto, direto, direto. Os servidores estavam direto. E era aquela coisa, a gente usava o crachá para nos identificarmos enquanto Instituição porque nós sabíamos onde estavam as coisas. Mas nós dizíamos: - aqui nós somos voluntários! Então, ninguém controlava horário de entrada, horário de saída, era 12, 14, 20, 24 horas. Nos primeiros 3 dias, a gente virou 24 horas, todos os dias, praticamente. E as pessoas viviam aquilo. Não tinha horário, a gente comia a mesma coisa que todo mundo comia. A gente comia marmitta, a gente comia o lanche que estava sendo oferecido, a gente usava os serviços médicos que estavam ali. Tinha servidores e estudantes cuidando dos animais; tinha servidores e estudantes passando com atendimento psicológico, atendimento pedagógico, fazendo recreação com as crianças, todo o cuidado de higienização, até mesmo para a gente chamar a atenção das pessoas que estavam abrigadas lá, porque eram elas que faziam a organização do seu espaço. Inclusive, foi uma coisa que nós tivemos que regrar depois.



Figura 2. Fluxo de abrigados em uma das áreas internas do campus.

Fonte: Acervo do Campus Canoas (2024).

Nós regramos. Mas, todo o cuidado, e a cobrança também era feita pela comunidade. E aí nós tivemos um envolvimento muito forte da comunidade externa, porque vinham voluntários de todos os lados. Não só pertencentes à comunidade interna do Campus, mas se não fosse esse atendimento ao chamado da comunidade interna e externa do Campus, isso não era possível, porque eram muitas pessoas a serem atendidas. Nós ficamos por mais de quinze dias com mais de 500 pessoas dentro do Campus, morando no Campus. E era 24 horas isso. É atendimento médico, é alimentação, é higiene, é roupa de cama. Nós não tínhamos chuveiro, o pessoal tinha que se organizar para tomar banho fora. Então, todo esse envolvimento teve a dedicação de voluntários. E aí os voluntários foram fundamentais para que tudo fosse possível.

REVISTA VIVER IFRS: Além do abrigo temporário, existiam outros trabalhos, outras campanhas. Uma delas foi a campanha de suporte à comunidade. Como é que surgiu a ideia da campanha de apoio aos estudantes afetados pelas enchentes?

Patrícia Nogueira Hubler: O apoio aos estudantes afetados pela enchente foi uma iniciativa da reitoria, inicialmente, com apoio do SETEC/MEC. Então, teve toda a publicação do edital de auxílio emergencial, que inicialmente foi um aporte do SETEC/MEC, do Conselho de Dirigentes das Instituições Federais, mas que a nossa reitoria, inclusive, aportou valor antes de receber do SETEC/MEC, abraçou a questão junto. E teve todo o trabalho de identificação dessas pessoas necessitadas por intermédio dos servidores. Eu acompanhei mais a questão do Campus Canoas, mas todos os campi da região metropolitana receberam esse auxílio, inclusive os campi que não foram afetados diretamente, não tiveram água invadindo suas casas, mas com a questão do deslizamento, também receberam o auxílio emergencial. E esse foi um trabalho desenvolvido, principalmente, pelas assistências estudantis, com o apoio da assistência social, dos psicólogos, pedagogos, que conseguiram fazer essa triagem. Foi por meio de formulários eletrônicos, em que o pessoal preenchia e colocava ali o seu quadrante, a sua região, o seu endereço, e se verificava se aquele endereço estava realmente entre as zonas atingidas.

REVISTA VIVER IFRS: Tem algum relato específico de impacto positivo dessas campanhas que você gostaria de compartilhar?

Patrícia Nogueira Hubler: Tem. Não só da campanha, mas eu diria o quão importante é o papel do Instituto Federal na comunidade. A gente não conhecia a abrangência daquilo. Ali no Campus Canoas nós recebemos as pessoas também com animais. E muitos abrigos não recebiam os animais, eram só as pessoas. Então, já faziam uma triagem ali de quem poderia entrar. E na madrugada, acho que foi na madrugada, porque a gente perdeu um pouquinho a noção do tempo, nós já estávamos com a nossa lotação completa e aí as pessoas vinham chegando com ônibus, com caminhões, com caminhonetes, e aí chegou uma família, um casal, na caçamba de uma caminhonete, com cinco animais, cinco cachorros. E eu fui correndo para dizer que não tinha mais vaga, porque eu não vi quem era. Só saía correndo e dizia, não, não, leva para outro abrigo que não tem mais vaga aqui. E aí o motorista e a esposa que estavam do lado disseram: Ah! Já é o terceiro abrigo que vai dispensá-los. Eu olhei para trás e vi um casal todo molhado,

com os animais, e pensei, daqui a pouco ninguém vai receber porque são cinco animais com o casal. Eu olhei e disse: a gente já está com a lotação completa, não vai ser mais um casal com cinco animais que vai estourar. Olhei e disse: entra! Aí eles entraram; isso foi de sábado para domingo. Na terça-feira nós fizemos uma reunião geral com eles para falar da questão da limpeza, da organização que eu comentei um pouquinho antes.

E essa senhora chega e me abraça, no final de tudo e diz que o filho dela, Yuri, foi nosso estudante no integrado de administração e havia me mandado um abraço. Aí eu disse: eu não acredito! Depois, quando ela foi embora, ela conseguiu uma casa no final de uma semana, ele me mandou uma mensagem me agradecendo. Eu perguntei como é que estava a mãe dele, chamei ele no Instagram. Ele disse: com a mãe está tudo bem; muito obrigado pelo que vocês fizeram com ela. E aí eu falo da questão do impacto, de como às vezes a gente faz coisas que marcam, mesmo sem querer, eu nunca pensei que fosse mãe de um ex-aluno nosso. Mas era. E se eu tivesse mandado a mãe de um ex-aluno para um outro abrigo? Então o quanto é importante nós estarmos inseridos na comunidade e realmente atendermos a comunidade independente de quem seja. Porque realmente nós temos a possibilidade de capilarizar muitas pessoas nesse atendimento. Essa foi uma das questões que me marcou bastante em relação ao atendimento e outras coisas que eu acho que nós conseguimos fazer. Isso em relação à comunidade acadêmica, que é o atender sem olhar a quem. Outras coisas que eu acho que nós conseguimos com o passar do tempo ali, das horas, que foi se organizando bastante, é conseguir a credibilidade para captar bastante doações. E todas as pessoas que estavam ali na nossa Instituição estavam dignamente com colchão, com coberta, com roupas, e isso foi muito rápido. Na segunda e terça-feira todas as pessoas já tinham mudas de roupas, já tinham trocado. Então esse acompanhamento e depois também um atendimento para o retorno para as suas casas. Auxílio com produtos de limpeza, auxílio durante todo o período com produtos de higiene. Essa questão de tentar dar uma dignidade, isso foi importante. Foi um atendimento social muito forte. E todos os serviços que nos procuraram. Nós tínhamos projeto de óculos, veio uma ONG, se não me engano de Santa Catarina, que disponibilizava óculos para as pessoas na hora. Nós tivemos também ali no Campus a vacinação para H1N1 dentro do Campus. Nem todos os abrigos tiveram isso. Então no Instituto Federal nós tivemos esses serviços que foram disponibilizados. Além de um serviço de enfermagem completo, que tinha todo o atendimento, no início 24 horas com atendimento médico e enfermagem também. Depois a gente começou

a reduzir. Depois era só o horário comercial. Muitos voluntários da área da saúde. Os voluntários da área da saúde, se não fossem eles, e eu posso ficar falando um mês sobre o quão foi importante cada trabalho voluntário que nós tivemos lá. Cada serviço que era disponibilizado fazia muita diferença. Então assim, tudo fez a diferença na vida daquelas pessoas, tudo. Desde o atendimento de uma conversa com um assistente social, com um psicólogo, até o disponibilizar de óculos, que eles foram sem óculos! Confeção de documentos. Tinha solicitação de segundas vias lá. Pelo menos a emissão dos registros, toda solicitação de auxílios. Porque aí a Prefeitura tinha também, nós tínhamos o foco dos profissionais da Prefeitura que atendiam determinadas demandas. Então tudo foi muito serviço. Foi muita coisa disponibilizada.

REVISTA VIVER IFRS: Vocês se valeram do fato de ter cursos na área de eletrônica. Então, vocês desenvolveram um projeto de extensão relacionado à eletrônica, que inclusive foi destaque em várias mostras do IFRS. Vocês percorreram os campi do IFRS mostrando esse trabalho, que foi maravilhoso! Como é que esses projetos da área de eletrônica foram mobilizados para atender as famílias atingidas?

Patrícia Nogueira Hubler: Esse projeto foi mobilizado pelo professor, orientador do projeto, que foi o professor Otávio Simões Mano. Ele atuou conosco lá no abrigo. Ele ficou vários dias lá. Ia, ficava dois, três dias. Voltava, porque ele era de Porto Alegre, ficava mais dois, três dias. E ele chegou e disse assim: Patrícia, nós temos que fazer alguma coisa. Eu estou com uma ideia de receber equipamentos. Inicialmente ele ia fazer somente videoaulas. Até porque nós não tínhamos local para receber os equipamentos. Então ele fazia, a ideia nasceu, fazer videoaulas com algum equipamento para ensinar as pessoas a consertarem seus equipamentos. Mas depois evoluiu. Nós conseguimos disponibilizar um espaço num laboratório, numa sala. E aí evoluiu para conseguir receber os equipamentos das pessoas que tinham sido atingidas. E teve todo o envolvimento dos estudantes, porque é a prática, né? Eles pegavam os equipamentos todos sujos; da forma como nós visualizamos, muito barro! Então tinha que lavar esses equipamentos e higienizá-los para eles conseguirem trabalhar. Mas nasceu a partir da estada do professor atuando como voluntário em outras funções dentro do abrigo.

REVISTA VIVER IFRS: E como é que essas ações transcenderam o contexto acadêmico e impactaram a vida da comunidade?

Patrícia Nogueira Hubler: Impacta a vida da comunidade porque eles recebem um serviço que está sendo prestado. Da mesma forma que muitos não conheciam o Instituto Federal, passam a conhecer por essa disponibilização de serviço. E é o exercício prático para os nossos estudantes com a comprovação de tudo aquilo que eles têm em teoria e efetivamente na prática. Então, é toda uma cadeia de serviços e de atendimentos além dos ensinamentos teórico prático para os nossos estudantes.

REVISTA VIVER IFRS: E quais aprendizados ou resultados desses projetos podem ser replicados em situações futuras de emergência?

Patrícia Nogueira Hubler: Sinceramente, eu espero que não precise ser replicado. Mas é um aprendizado enorme. Todos nós aprendemos muito. Teve um outro projeto também que nasceu dentro do Campus que foi o desenvolvimento de um sistema, Alojaf, que foi desenvolvido com professores da área de informática (Prof. Márcio Bigolin e Prof. Sandro Silva), com estudantes da área de informática, e que nós comentávamos no final que o controle do abrigo já estava feito porque nós tínhamos todo o controle de quem estava alojado lá. Inclusive com dados pessoais, vinculação de família e com foto. Isso foi um outro ganho que nós tivemos, que nós tínhamos que controlar a entrada e saída. Então, tanto o projeto do eletro quanto o projeto do desenvolvimento com esse cadastro pode ser reutilizado para diferentes situações. A questão do conserto de eletroeletrônicos até mesmo uma queda de luz que dá em lote. Algumas regiões têm bastante vento, postes. Isso pode ser reutilizado. E o sistema que foi desenvolvido também pode ser com certeza reutilizado em diferentes situações. Eu acho que foram esses os dois projetos que nasceram durante o abrigo e que a gurizada se envolveu bastante.

REVISTA VIVER IFRS: Agora chegando já no encerramento, sobre lições aprendidas e o futuro. Quais foram os principais desafios enfrentados pelo campus canoas ao liderar essas iniciativas de extensão?

Patrícia Nogueira Hubler: Essa parte eu vou ter que pensar um pouquinho. Porque a gente não pensa, quando a gente toma determinadas ações, em tudo o que pode acontecer. Nós tentamos dirimir, ou melhor, minimizar riscos. E como é que a gente conseguiu minimizar alguns riscos? Lá no

início segurando, dizendo “eu só vou abrir as portas depois que a prefeitura me der o aporte”. Eu tinha que ter a segurança da prefeitura em relação a vigilância, à segurança pública, policiamento. Eu tinha que ter a prefeitura com alimentação, eu tinha que ter a prefeitura com atendimento médico. Mas isso, a gente segurou a prefeitura e depois a gente viu com o andar. Gente, se eu não tivesse segurando, se eu tivesse aberto antes, como é que eu daria atendimento para aquela pessoa que chegou acamada? Como é que eu daria atendimento para aquela situação que foi problemática e que eu tive que envolver o policiamento? São coisas que se a gente age muito na emoção, a gente tem muitas consequências drásticas depois. Então um aprendizado que eu digo é a gente tem que parar para pensar, primeira coisa. Quais as consequências que eu posso ter? E mesmo assim, a gente não vai conseguir identificar todos os problemas que vão acontecer porque as pessoas que nós atendemos foram muito diversas. Nós tivemos as mais diferentes situações. Eu nunca imaginei que eu teria três cavalos dentro do Campus; isso eu nunca pensei. Quando a gente pensou em abrir o Campus, nós pensamos: nós vamos receber animais? Vamos! Vamos disponibilizar uma sala para os animais. Nós tínhamos umas oito salas com animais. Por quê? Porque a sala que era só de animais lotou e as pessoas foram chegando com seus pets e ficavam com eles na sala. Então, tinham pessoas que gostavam de pets no mesmo ambiente e pessoas que não gostavam de pets no mesmo ambiente. E tá tudo bem, porque todo mundo se acomodava ali. A gente quer atender a população e o principal aprendizado em tudo isso é que tu não vais conseguir identificar todas as questões que tu vais ter que enfrentar. Mas tem que agir com a razão. Nós não podemos ser só emoção. Até mesmo no momento em que nós chegamos pra prefeitura, fizemos uma reunião e dissemos a eles: nós temos que encerrar o abrigo no Campus Canoas porque nós temos que voltar as nossas aulas. Até isso teve que ser razão. Porque nós tínhamos família com crianças. Nós tínhamos famílias com idosos. E aí, chega - Patrícia! Tu vais expulsar as pessoas? Não! Eu não vou expulsar ninguém. Eu estou conversando com um ente público. Teve envolvimento do nosso reitor também nessa situação. Porque a Instituição, nós estamos conversando com um ente público pra dizer vocês têm que encontrar outras alternativas. Nós temos que retornar as nossas aulas que é o nosso meio fim. Mas se eu ajo somente com a emoção nós estaríamos com abrigo até agora. Porque tem pessoas ainda em alojamentos provisórios. Então, nós temos que ter a razão em muitos momentos. Porque senão nós perdemos o controle. E eu entendo que tudo, tudo, tudo, tudo que foi feito foi um

conjunto de ações. Não era a direção do Campus que estava lá; eram todos os voluntários que estavam lá. Naquele momento em que eu estava dentro do Campus, eu era uma coordenadora de abrigo. E não se faria nada só com a Patrícia, coordenadora de abrigo. Então, outro aprendizado foi, não existe atendimento solidário de 'eu' pessoa. Existe atendimento solidário de 'nós', de comunidade, de equipe, de sociedade. E isso foi muito provado. A gente só conseguiu ter o atendimento por trinta dias. Porque não era uma, duas, três pessoas. Eram trinta, quarenta voluntários por dia, trabalhando para que aquilo conseguisse funcionar, conseguisse continuar em pé, conseguisse fazer com que as pessoas saíssem dali. Porque a ideia era: nós alojamos, nós abrigamos as pessoas, mas elas tinham que voltar para as suas casas. Ali era uma Instituição de Ensino. Então, todo o trabalho foi nesse sentido. Sempre com muita educação, com muito carinho, com muito cuidado, com muita atenção. Mas nós sabíamos, não podemos nos envolver ao ponto de nos apegar e não conseguir dar os próximos passos, que as pessoas tinham que retornar para as suas casas. E era muito gratificante quando elas iam embora. Porque elas nos abraçavam e nos agradeciam. Porque elas se sentiram acolhidas lá. Então, isso foi importante. Nós demos o carinho, ao mesmo tempo em que nós educamos e conseguimos manter a cabeça no lugar. Nós temos um trabalho. E é o trabalho que está sendo feito. Acho que eu tinha, não sei se eu te respondi!?

REVISTA VIVER IFRS: Perfeito. De que forma essas ações contribuíram para reforçar o papel do IFRS na comunidade local?

Patrícia Nogueira Hubler: O IFRS era um antes do abrigo e outro depois do abrigo. Das 742 pessoas que nós temos registradas, se eu te disser que 100, 150 conheciam o Campus Canoas antes de ir para lá, talvez eu esteja super estimando esse número. A maioria das pessoas nos diziam: eu não conhecia, eu quero vir estudar aqui, onde é que eu encontro os cursos, eu vou ser seu aluno, prof.? Então, isso foi muito impactante. Porque nós estamos numa região em que ela não foi atingida, a nossa região não foi. Então, as pessoas que foram atingidas não vivenciavam o entorno do Campus, e a maioria delas não nos conhecia; além de nós termos sido conhecidos, também, por outras empresas da região, por outras instituições públicas. O Município de Canoas é um município muito grande. Não é um município do interior em que o Instituto Federal é o centro das atenções. Não! Canoas é um Município muito populoso. O Instituto Federal é conhecido pelas pessoas que passam

na frente ou que frequentam o Instituto Federal. Muitos ainda conhecem o Instituto Federal como Escola Técnica, que foi a promessa há 15 anos atrás. Então, hoje, o Instituto Federal é muito mais conhecido do que em abril de 2024. Claro que nós não gostaríamos que esse conhecimento, esse conhecer e saber onde fica o Instituto Federal tivesse se dado dessa forma, mas realmente nós saímos muito mais fortalecidos porque eu entendo que a própria comunidade do Campus, além de ter ficado marcada com isso, nós vivemos uma humanidade enorme no Campus Canoas, e essa humanidade transformou tanto os servidores quanto os estudantes que passaram por por ali, não só aqueles que são efetivos do Campus Canoas.

REVISTA VIVER IFRS: Para terminar, existem planos para transformar essas experiências em ações permanentes ou projetos de longo prazo?

Patrícia Nogueira Hubler: Esses planos, institucionalmente, eu diria que nós não temos porque o projeto de eletrônica, do conserto dos equipamentos, eles dependem muito do envolvimento do orientador, dos outros professores da área e também dos estudantes. O que a Instituição tem é a disponibilização de espaço para que isso aconteça, mas isso vai muito da organização das pessoas que estão ali envolvidas. A questão da continuidade dos projetos depende muito, realmente, das pessoas envolvidas neles; foge um pouco da direção do Campus orientar para que elas continuem.

REVISTA VIVER IFRS: Tens alguma mensagem final?

Patrícia Nogueira Hubler: Acho que só agradecer. Agradecer, não por nós termos vivido isso, mas por nós termos tido a oportunidade de contribuir com a população de Canoas no momento em que ela precisou, com a população do Rio Grande do Sul, e termos conseguido visualizar essa humanidade que existe no ser humano. Essa disponibilização, essa doação. Nós recebemos mensagens de carinho na forma de mensagem e na forma de entrega de produtos e serviços por todo o Brasil. Os voluntários que vieram prestar serviços, os voluntários que se disponibilizaram na arrecadação de alimentos, os voluntários que foram lá trabalhar. É só, realmente, um agradecer. Eu só tenho a agradecer. Agradecer pelo que nós vivemos. Isso tá muito marcado ainda, eu não consigo falar desses 30 dias sem me emocionar e eu acho que isso ainda vai longe. Eu não consegui assistir a palestra do Professor Rinaldo e não me emocionar, então é algo que toca muito e toca cada pessoa que foi atingida ou que se envolveu, porque foi muito forte! Mas eu só tenho

\\ Entrevista

a agradecer, agradecer a toda a comunidade de Campus Canoas, a toda a comunidade do IFRS, a todos os voluntários externos e internos que se disponibilizaram e que deixaram as suas casas, porque foram horas, dias, foi um mês de atendimento intenso e que não existia final de semana, não se tinha descanso, então, só agradecer mesmo!

REVISTA VIVER IFRS: Nós é que temos que agradecer a ti por teres disponibilizado esse tempo, muito obrigado!

Patrícia Nogueira Hubler: Imagina, eu estou à disposição, pode contar!

\\ Relatos de Experiências



RESGATE DE MEMÓRIAS DOS 15 ANOS DO CURSO TECNOLOGIA EM LOGÍSTICA DO IFRS CAMPUS BENTO GONÇALVES

Evelyn de Farias da Silveira¹, Victória Dutra Kellermann², Augusto Basso Veber³,
Fabiane Cristina Brand⁴

RESUMO

O Projeto de Extensão Resgate de Memórias dos cursos de Tecnologia do Campus Bento Gonçalves, no ano de 2023, buscou contribuir com a organização de acervo documental e histórico da trajetória de criação e desenvolvimento do curso Tecnologia em Logística. O curso entrou em funcionamento no segundo semestre de 2008 e foi criado a partir de demandas da comunidade local. Para resgatar a trajetória do curso, foram buscados documentos, como atas de reuniões, relatórios de visitas técnicas, projetos pedagógicos de curso e fotografias, além do registro de histórias contadas por servidores, estudantes e egressos do curso. Como resultados,

¹ Técnica em Administração pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Bento Gonçalves. Acadêmica de História na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). evelyndefarias27@gmail.com

² Técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Bento Gonçalves. vickiuiiki@gmail.com

³ Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, Técnico em Audiovisual do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Bento Gonçalves. augusto.veber@bento.ifrs.edu.br.

⁴ Doutora em Administração. Docente da área de Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Bento Gonçalves. fabiane.brand@bento.ifrs.edu.br

foi organizado um banco de informações com documentos e a elaboração de um documentário visando contribuir para o registro da história do curso. O projeto vincula-se ao Núcleo de Memória do IFRS *Campus* Bento Gonçalves (Numem), contribuindo com a recuperação e a difusão de acervos documentais relacionados à memória da Instituição. Neste artigo, apresenta-se um relato sobre o processo de planejamento e operacionalização do projeto, assim como os seus resultados e contribuição para a comunidade.

Palavras-chave: Memória Organizacional. Acervo. Preservação da Memória Organizacional.

Introdução

O Projeto de Extensão Resgate de Memórias dos cursos de Tecnologia do *Campus* Bento Gonçalves apresenta como objetivo principal recuperar e preservar ações, vivências e aprendizados que ocorreram desde a criação até o período de existência atual dos cursos superiores em Tecnologia. No ano de 2023, foi realizado um trabalho de busca e registro da trajetória do curso superior de Tecnologia em Logística, criado em 2008, ainda na vigência da instituição como Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves (Cefet-BG). O projeto vincula-se à Extensão, pois alcançou, em sua coleta de dados, a comunidade interna do *Campus* Bento Gonçalves (servidores e estudantes) e a externa (egressos), além de disponibilizar, de forma permanente, os resultados do projeto, que consistem em um acervo documental e um vídeo em formato de documentário para acesso, no site do *Campus*, por pessoas interessadas pelo curso e por sua história. Para a realização, em 2023, o projeto teve a participação de servidores do *Campus* e de duas bolsistas estudantes do Ensino Médio dos cursos Técnico em Administração Integrado e Técnico em Meio Ambiente Integrado. O projeto transcorreu de maio a novembro de 2023, com etapas de planejamento e efetivação das ações, além da organização de um banco de documentos. Em complemento, o projeto vincula-se aos objetivos do Núcleo de Memória do IFRS *Campus* Bento Gonçalves, institucionalizado pela Resolução 029/2019 do Conselho de *Campus*, que atua na proposição e execução de ações relacionadas ao resgate e à preservação do patrimônio histórico/cultural da Instituição (Resolução, 2019). Este artigo, portanto, visa apresentar um relato da experiência de planejamento, execução e resultados do projeto.

Desenvolvimento

O termo memória relaciona-se à dimensão do indivíduo, no sentido da “aquisição, formação, conservação e evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizagem, recordação, lembrança ou recuperação. (...) Podemos afirmar, conforme Norberto Bobbio, que somos aquilo que recordamos. A identidade dos povos, dos países e das civilizações provém de suas memórias, cujo conjunto denomina-se História (Izquierdo, 2018, p. 1-3). Além do sentido da memória como dimensão individual, as Organizações, constituídas por indivíduos, ao longo do tempo, vão criando memórias, por meio da aquisição, formação, conservação e evocação de informações que são construídas e armazenadas de forma individual ou coletiva. Memória, portanto, remete ao passado. Em uma Organização, a memória é representada pelos itens que determinam a preservação de sua história e variam desde artefatos materiais aos conhecimentos individuais (Oliveira et. al., 2011).

O Projeto de Extensão trabalhou com o conceito de Memória Organizacional, que é entendida como o conhecimento que representa experiências prévias, arquivadas e compartilhadas pelos indivíduos que fizeram ou fazem parte da Organização. É constituída pelo conhecimento explícito, que pode ser resgatado de forma objetiva, como o registrado em documentos e imagens, e pelo conhecimento tácito, que é subjetivo e abrange experiências dos indivíduos, podendo ser retomado a partir de entrevistas, depoimentos ou contação de histórias (Freire et. al. 2012).

O registro e o resgate de memórias possibilitam a preservação e o acesso às informações e aos conhecimentos produzidos pelos indivíduos inseridos em uma Organização. Em suma, eles auxiliam a manter uma organização viva e como forma de fortalecer suas bases. Após a aprovação da proposta do projeto, em abril de 2023, iniciou-se a sua operacionalização por meio da seleção de duas bolsistas estudantes do Ensino Médio, por meio do Edital PROEX - Auxílio Institucional à Extensão 2023 do Campus Bento Gonçalves.

Em seguida, foram contactados os(as) coordenadores(as) dos cursos de Tecnologia, com a apresentação da proposta do projeto. A partir do aceite da Coordenação do curso Tecnologia em Logística, a equipe do projeto passou a buscar por documentos, como atas de reuniões, relatórios de visitas técnicas e projetos pedagógicos do curso, armazenados no arquivo morto do Campus e junto à Coordenação do curso, além de reportagens publicadas no site atual e anterior do IFRS Campus Bento Gonçalves.

Os documentos físicos foram organizados e escaneados para armazenamento, junto ao Numem do *Campus* Bento Gonçalves. Com a criação de um *e-mail* para o projeto e com a lista de servidores, estudantes e egressos vinculados ao curso, foi enviada uma mensagem apresentando a proposta do projeto e solicitando a colaboração para o envio de fotos que retratam momentos e experiências vivenciados no curso. O retorno foi considerado positivo, pois houve participação significativa nas respostas dos *e-mails* e envio de fotos e reportagens, apesar de mensagens que retornaram por inconsistências nos endereços eletrônicos informados. Essa etapa, portanto, contemplou o recebimento, a organização e a armazenagem de documentos, que representam o conhecimento explícito relacionado ao curso. Os documentos recebidos estão disponíveis para consulta no site do *Campus*, conforme Figura 1.

Além disso, foram buscados relatos orais de servidores, estudantes e egressos, constituindo fontes de conhecimento tácito. Para tanto, foi utilizada a técnica da História Oral que emprega entrevistas para registrar narrativas da experiência de indivíduos, em que se evidenciam aspectos dos sujeitos entrevistados, levando em conta sua individualidade, mas envoltos em uma memória coletiva pelo fato de as narrativas situarem-se em um contexto sócio-histórico (Ferreira, 2002). Com o intuito de buscar conhecimentos tácitos, foi planejado e criado um documentário em formato de vídeo que visa contar a trajetória do curso, conforme mostrado na Figura 2.



Figura 1. Endereço para acesso ao documentário e fotos.

Fonte: Próprios autores (2023).



Figura 2. Documentário Projeto Resgate de memórias.

Fonte: Próprios autores (2023).

Para essa etapa, foram elaborados roteiros de perguntas abrangendo períodos específicos da existência do curso: a) sua criação; b) os primeiros anos; e c) momento atual e futuro. Por *e-mail*, foram convidados servidores, estudantes e egressos. No caso de servidores, houve uma aceitação significativa de participação, porém entre estudantes e egressos apenas três se prontificaram a gravar um vídeo com relato. As entrevistas foram agendadas e gravadas no Departamento de Comunicação do *Campus* ou gravadas e encaminhadas de forma individualizada por servidores e egressos que residem em outras cidades, com o consentimento de sua participação. A partir dos vídeos gravados, as falas foram transcritas em sua íntegra, utilizando-se o Microsoft Word. Com os textos transcritos, elaborou-se um roteiro para criação de um *trailer* apresentado na Mostra Técnica do *Campus* Bento Gonçalves e no *Pense* do *Campus* Farroupilha, além do roteiro do documentário final. Como resultados do projeto, apontam-se a elaboração e a apresentação, por parte das bolsistas, dos resultados em eventos do IFRS (Mostra Técnica e *Pense*), a elaboração de *trailer* e documentário, além da organização de um repositório de documentos que buscam resgatar momentos vivenciados no curso, como a realização da primeira reunião entre os docentes do curso, visitas técnicas, momentos de confraternização e formaturas. O documentário e as fotos ficarão disponíveis para consulta na página do curso Tecnologia em Logística, no site do IFRS *Campus*

Bento Gonçalves (<https://ifrs.edu.br/bento/ensino/superior/tecnologia-em-logistica/>).

Conclusão

A partir das ações desenvolvidas no Projeto de Extensão Resgate de Memórias dos cursos de Tecnologia do Campus Bento Gonçalves, em específico na busca da recuperação e registro da trajetória do curso Tecnologia em Logística, espera-se ter contribuído para a história do Campus Bento Gonçalves, constituído por cursos de segmentos diversos, com suas culturas e caminhos próprios. A Memória Organizacional contribui para que o passado seja reconhecido, valorizado e possa auxiliar na compreensão de ações ou de tomadas de decisões no momento presente. Além disso, é uma forma de reconhecer a contribuição de servidores, estudantes e egressos na construção e trajetória dos cursos.

Referências

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História:** tempo presente e história oral. Topoi. Rio de Janeiro, 2002.

FREIRE, Patrícia de Sá *et.al.* Memória Organizacional e seu papel na Gestão do Conhecimento. **Revista de Ciências da Administração**, v. 14, n. 33, p. 41-51, 2012.

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Campus Bento Gonçalves. Regimento Interno do Núcleo de Memória do Campus Bento Gonçalves do IFRS. Bento Gonçalves: IFRS, 2019. Disponível em: https://ifrs.edu.br/bento/wp-content/uploads/sites/13/2019/10/ANEXO-RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-029-de-2019_Regimento-Interno-do-N%C3%BAcleo-de-Mem%C3%B3ria-do-Campus-Bento-Gon%C3%A7alves-do-IFRS.pdf. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

OLIVEIRA, André Fernandes *et.al.* Resgate de Memória Organizacional: uma abordagem comparativa entre casos de sucesso. **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Londrina – PR** - 26 a 28 de maio de 2011.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL: INTERLOCUÇÃO COM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO COTIDIANO¹

Fernanda Ferreyro Monticelli², Aline Oliveira de Castilhos³, Aline Regina Horbach⁴

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência de um projeto de extensão sobre o curso: Formação de Professores e Educação Especial: interlocução com as práticas pedagógicas do cotidiano, II Curso de Educação Especial, que integrou a instituição formadora, as redes de ensino e instituições especializadas. Justifica-se o projeto, pois no ano de 2022, quando houve o primeiro Curso de Educação Especial, os participantes solicitaram a continuidade, tendo em vista que o IFRS, Campus Caxias do Sul foi a única instituição de ensino superior a oferecer um curso gratuito e de qualidade na área. Dentre as metodologias, o curso foi realizado de forma

¹ Formação de Professores e Educação Inclusiva, Projeto de Extensão de Fluxo Contínuo, ano 2023, Código no Sigaa: CR079-2023.

² Doutora em Educação, Professora de Educação Especial no Instituto Federal do Espírito Santo Campus Serra. pedagogiacomescolarffm@gmail.com.

³ Mestranda em Educação Básica. Professora EBTT de Pedagogia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Caxias do Sul. aline.castilhos@caxias.ifrs.edu.br.

⁴ Mestre em Teoria e Análise Linguística, Servidora do NAPNE no IFRS - Campus Caxias do Sul. aline.horbach@caxias.ifrs.edu.br.

participativa e coletiva, com o apoio do NAPNE/IFRS de Caxias do Sul. Os discentes da Licenciatura em Matemática participaram como membros voluntários, colaborando na organização e nos encontros do projeto. Um dos aspectos de inovação e de caráter dialógico é que os participantes puderam atuar também como ministrantes de oficinas, com relato de experiências. Como resultado, o curso possibilitou que ocorresse a transformação social e ensejou que entre profissionais da educação haja o fortalecimento na promoção da dignidade humana enquanto uma prática que envolve um compromisso moral, afetivo, cognitivo e histórico-cultural.

Palavras-chave: Inclusão. Educação Especial. Formação de Professores. Napne.

Introdução

O objetivo deste artigo é compartilhar um relato de experiência a respeito de um Curso de Educação Especial, o qual ocorreu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Caxias do Sul e que de forma inovadora e singular promoveu o encontro entre profissionais das escolas inclusivas de ensino comum e instituições especializadas. O que nos motivou a desenvolver esta proposta, utilizando múltiplas linguagens, é a ausência de encontros semelhantes na cidade e a importância de aproximar profissionais apaixonados pelo que fazem e aspiram, buscam transmitir e vivenciar a esperança para pessoas que, por muitos anos, foram excluídas dos espaços sociais e educacionais, e cuja voz começou a ser ouvida apenas nos últimos anos.

Na área da educação, essa realidade se manifesta na inclusão de diferentes culturas, etnias, gêneros e convívio entre estudantes com ou sem necessidades especiais nas salas comuns. Outros espaços, como as instituições especializadas, as escolas especiais têm realizado seu trabalho de modo a capacitar os sujeitos para a vida cotidiana.

A questão disparadora do curso foi: quais as potencialidades dos dois espaços - escolas comuns e instituições especializadas e quais são os aspectos que indicam a necessidade de um caminho a ser trilhado para alcançar o objetivo de formar sujeitos qualificados para atuar no mundo em constante transformação?

Aproximar dois ambientes distintos de trabalho é um desafio. De um lado, as escolas comuns, com a proposta inclusiva; de outro, as instituições especializadas, as quais historicamente atuaram agrupando, segregando os sujeitos com necessidades especiais. Esta aproximação entre dois espaços diferenciados, lembra as zonas de contato, citadas por Santos. De acordo com Santos, quando se estabelece um diálogo entre comunidades com distintos papéis, têm-se as zonas de contato. “Zonas de contato são campos sociais onde diferentes mundos da vida normativos, práticas e conhecimentos se encontram, chocam e interagem” (Santos, 2008, p. 130).

Ao oportunizar o diálogo entre zonas de contato, ou seja, o encontro entre profissionais de escolas comuns, inclusivas e instituições especializadas, nos detivemos em focar no que estes espaços almejam em comum: a inclusão na sociedade.

Desenvolvimento

Quando rememoramos a história da educação especial, desde a história antiga, passando pela Idade Média até o momento da contemporaneidade, verifica-se a atuação que as instituições especializadas tiveram, por meio de iniciativas realizadas com ações caritativas. Se, por muito tempo, perdurou o atendimento com bases religiosas, nos últimos duzentos anos, grupos sociais e as políticas públicas têm assumido com maior protagonismo o atendimento e a educação das pessoas que foram vítimas por longos períodos da opressão extrema por não poderem se pronunciar na sociedade. É o que Santos (2008) intitula de seletividade passiva. É possível que este fenômeno tenha existido por que as zonas de contato, tornaram-se não-dialógicas. Conforme Santos (2008), ações mais inclusivas advém de um círculo mais amplo de reciprocidade, com base na hermenêutica diatópica⁵.

E é esta práxis que almejamos para o evento quando favorecemos o diálogo intercultural de modo a construir pontes e não muros entre as escolas comuns e as instituições de atendimento especializado. Esta prática na qual professores de diferentes concepções se encontram em espaço de formação continuada para trocar saberes e se colocar como aprendizes com o diferente, envolve uma postura ética de empatia.

⁵ “A hermenêutica diatópica baseia-se na ideia de que os topoi de uma dada cultura, por mais fortes que sejam, são tão incompletos quanto a própria cultura a que pertencem. Tal incompletude não é visível do interior dessa cultura, uma vez que a aspiração à totalidade induz a que se tome a parte pelo todo” (SANTOS, 2004, p. 256-257).

Devido a estes aspectos de âmbito técnico e ético é que salientamos a importância da formação continuada de professores e técnicos em educação na área de educação especial, enquanto dispositivo para práticas pedagógicas e educacionais mais inclusivas.

Metodologia

O projeto de extensão foi realizado de forma participativa e coletiva com o apoio do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) do IFRS de Caxias do Sul. Além disso, contou com a colaboração da 4ª Coordenadoria Regional de Educação de Caxias do Sul, o setor da Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação/SMED de Caxias do Sul e as instituições especializadas⁶ de Caxias do Sul. Para isso, foram feitas visitas às instituições especializadas para conhecer a prática, os espaços e as demandas. Como diferencial, abriu-se a inscrição para que os profissionais tanto das escolas comuns, como das especializadas pudessem apresentar relatos de experiência.

Desse modo, o projeto de extensão concretiza um dos seus princípios:

A diretriz Interação Dialógica orienta o desenvolvimento de relações entre Universidade e setores sociais marcadas pelo diálogo e troca de saberes, superando-se, assim, o discurso da hegemonia acadêmica e substituindo-o pela ideia de aliança com movimentos, setores e organizações sociais. Não se trata mais de “estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade”, mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo. Um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática (Política Nacional de Extensão, 2011, p. 16-17).

Contamos com os discentes da Licenciatura em Matemática, dos componentes curriculares de Educação Inclusiva e Didática Geral para compor como membros voluntários⁷ do projeto de extensão, auxiliando igualmente na organização, nos encontros e na avaliação do projeto (Figura 1).

⁶ Instituições públicas e privadas de Educação Especial.

⁷ Agradecemos aos estudantes voluntários: Fernanda Fogolari Bellaver, Geovani Rodrigues Monteiro, Heleno Mendes, Larissa Bavaresco, Pedro Adames, Lénin Castilhos, Sandra Pereira, Zípora Rodrigues.



Figura 1. Fotografia com os voluntários. Fonte: As autoras, 2023.

As inscrições para o evento foram feitas por meio do *Google Forms*. O público-alvo foi, inicialmente, direcionado a professores da Rede Pública Estadual e Municipal da Região-Caxias do Sul e adjacências, técnicos administrativos em educação, professores do IFRS, estudantes da Licenciatura em Matemática e do curso de Pós-graduação em Especialização na Docência em Educação Básica e Profissional. Foram convidados igualmente profissionais de instituições especializadas, como o Instituto da Audiovisão/Inav⁸, a Escola Estadual Especial de Ensino Médio Helen Keller (Surdos) e a Escola Estadual Especial João Pratavieira. A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Caxias do Sul foi convidada, mas não pode participar. Nos últimos dias, devido à demanda, foram abertas inscrições para estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da região.

Com carga horária de 40 horas, o curso foi realizado de forma híbrida, tanto presencialmente quanto por meio remoto, utilizando a plataforma *Moodle Qualifica*. Os encontros presenciais ocorreram no *campus* Caxias do Sul, sendo

⁸ A instituição realiza, de forma continuada, permanente, gratuita e planejada, ações de atendimento, assessoramento, defesa e garantia de direitos aos usuários da Política Nacional de Assistência Social. Desenvolve ações que visam a educação, habilitação e reabilitação de crianças e adolescentes na modalidade Programas, Projetos e Serviços voltados às pessoas com deficiência e seus familiares (Rádio Caxias, 2020).

realizados em duas sextas-feiras, à noite, e dois sábados ao longo do dia, com a presença de 12 palestrantes e 35 cursistas.

O projeto de Extensão almejou uma transformação nas práticas pedagógicas e educacionais.

Resultados

Como atividade final, foi solicitado aos cursistas que realizassem uma avaliação do curso, respondendo um questionário *on-line* no *Google Forms*. Nas primeiras 5 questões deveriam atribuir uma nota de 0 a 10 para palestras e oficinas (Gráfico 1); contribuições para formação docente (Gráfico 2); modalidade do curso (Gráfico 3); dias e horários das atividades (Gráfico 4) e uma nota geral para o curso (Gráfico 5).

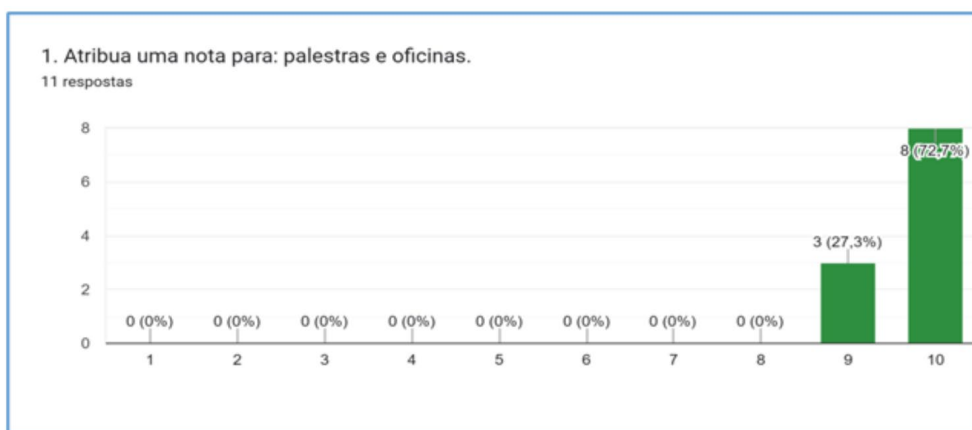


Gráfico 1. Palestras e oficinas. **Fonte:** Elaborado pelas autoras (2024).

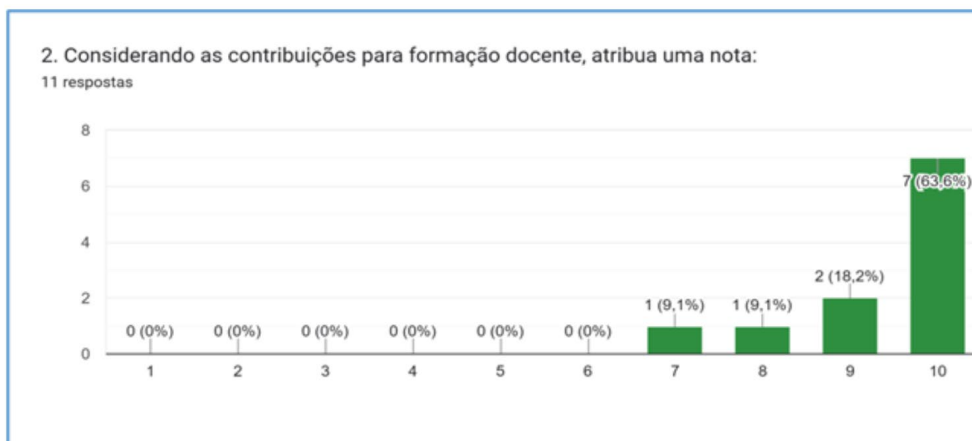


Gráfico 2. Contribuições para formação docente.
Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

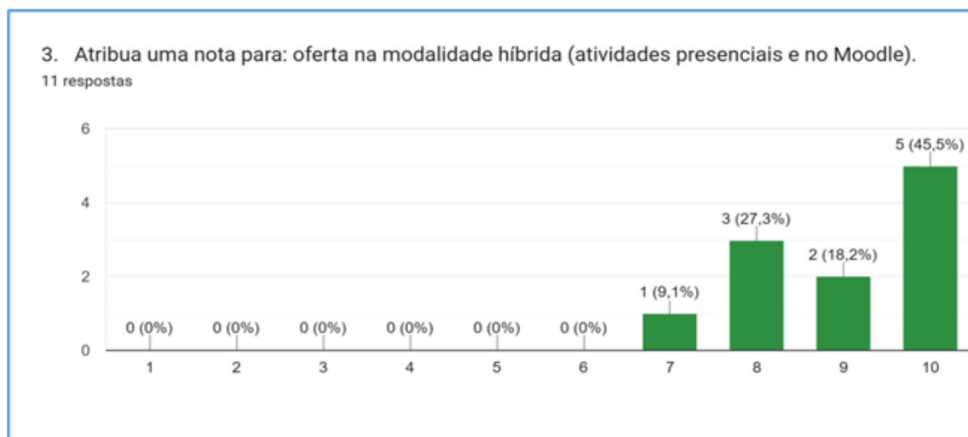


Gráfico 3. Contribuições para formação docente.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

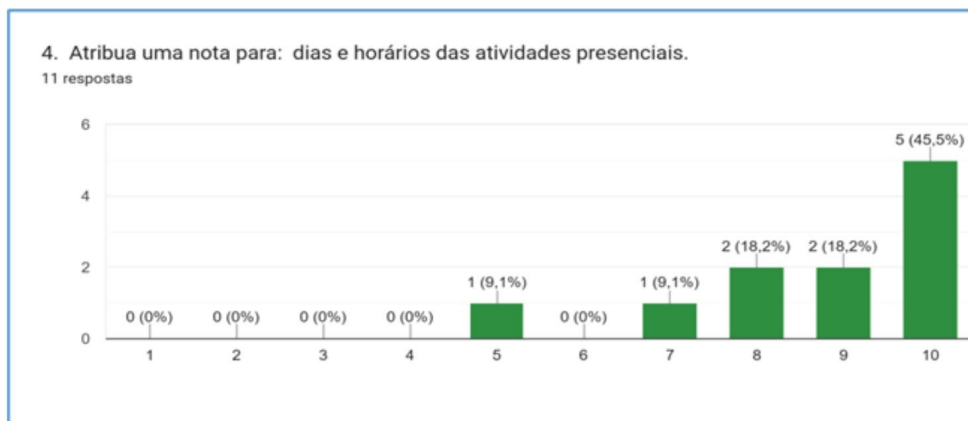


Gráfico 4. Dias e horários. **Fonte:** Elaborado pelas autoras (2024).

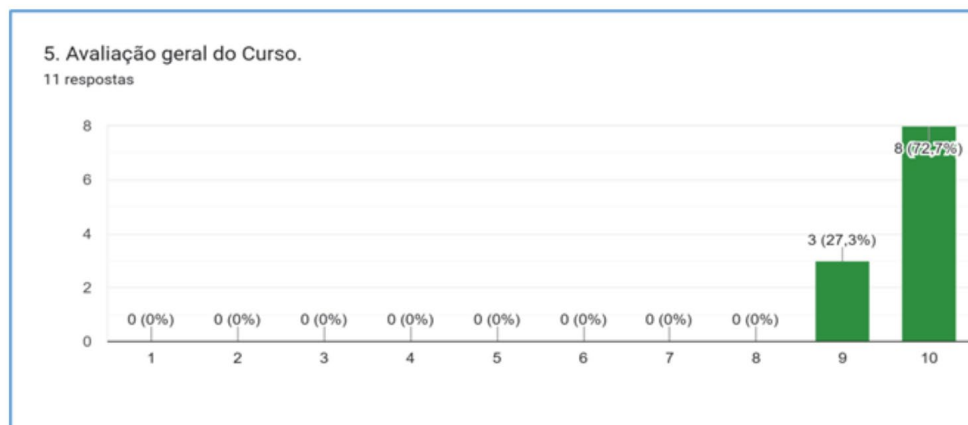


Gráfico 5. Avaliação geral do curso. **Fonte:** Elaborado pelas autoras (2024).

Ao analisar os gráficos das respostas dos cursistas⁹ referente à avaliação dos itens palestras e oficinas (Gráfico 1); contribuições para formação docente (Gráfico 2); modalidade do curso (Gráfico 3); dias e horários das atividades (Gráfico 4) e uma nota geral para o curso (Gráfico 5), constata-se que a maioria atribuiu a nota máxima (10) para todos os itens, destacando que o curso foi considerado nota 10 por 72,7% dos cursistas que realizaram a avaliação, o que indica satisfação e que o curso contribuiu de modo significativo para a formação dos participantes.

Na sexta e última questão na qual poderiam deixar comentários e/ou sugestões, também pode-se constatar a satisfação e o bom aproveitamento do curso por parte dos cursistas com base em depoimentos dos participantes, como afirmou a Participante 5:

Momentos como os vivenciados no curso oferecido são de extrema importância na Formação Continuada dos profissionais envolvidos na causa da inclusão em todas as esferas. Foi enriquecedor e um tanto provocador ouvir relatos e observações, que me levaram a questionar minhas práticas cotidianas e ampliar as possibilidades de uso e manejo de recursos pedagógicos essenciais nessa busca pela inclusão de fato. Aguardo ansiosamente o próximo encontro (Participante 5, 2023).

Também as falas de outros participantes apontam para essa direção: “Foi maravilhoso o curso, agregou muito ao meu conhecimento” (Participante 1, 2023); “Aulas extremamente informativas e envolventes, que deixaram conhecimentos valiosos” (Participante 3, 2023).

Quanto aos discentes voluntários que participaram da ação, através de seus relatórios, percebe-se consenso de que além das aprendizagens oportunizadas pelo curso, sentiram-se motivados para prosseguir investindo em sua formação docente, como também, para participar de outras ações de extensão, como é possível verificar no depoimento a seguir:

Conclui-se que a participação ativa do estudante voluntário no curso proporcionou um valioso aprendizado. Os voluntários tiveram a oportunidade de ampliar sua compreensão sobre a importância das práticas pedagógicas inclusivas. Ao se envolverem de maneira comprometida, eles adquiriram conhecimentos e habilidades que não apenas enriqueceram sua formação acadêmica, mas também os capacitaram a contribuir de forma mais eficaz para a construção de um

⁹ Dos 35 cursistas, 11 colaboraram respondendo à avaliação do curso.

\\ Relatos de Experiências

ambiente educacional mais inclusivo e acessível. O curso serviu como um catalisador para que esses voluntários percebessem a relevância de se envolver ativamente na promoção da igualdade e da diversidade na educação, preparando-os para enfrentar desafios futuros com uma perspectiva mais inclusiva e consciente. Após a participação nesta atividade, continuarei atuando em outras atividades de extensão para assim ampliar meus conhecimentos e meu envolvimento com iniciativas que contribuam para o desenvolvimento da comunidade e para o meu crescimento pessoal e acadêmico (Castilhos, 2023, p. 03).

Considerando o que foi exposto, concluímos que os resultados alcançados foram positivos demonstrando que o projeto cumpriu seus propósitos, integrando diferentes entidades, promovendo formação docente inclusiva, valorizando e fortalecendo as ações de extensão do IFRS.

Considerações Finais

Por meio deste II Curso de Educação Especial estabelecemos um espaço dialógico o qual contribuiu para o fortalecimento dos profissionais da educação na promoção da dignidade humana enquanto uma prática que envolve um compromisso moral, afetivo, cognitivo e histórico-cultural.

Concluímos que o II Curso de Educação Especial contribuiu significativamente para a formação dos sujeitos envolvidos e, principalmente, não esgotou as discussões mas despertou o interesse, instigou os participantes a engajar-se na continuidade de estudos desta temática de extrema relevância educacional.

Referências

CASTILHOS, Lenin Osowski Cordeiro de. **Curso Formação de Professores e Educação Especial**: interlocução com as práticas pedagógicas do cotidiano - II Curso de Educação Especial. Relatório de atividades do estudante voluntário nas ações de extensão. Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande Do Sul - Campus Caxias Do Sul, 2023.

RÁDIO CAXIAS. Disponível em: <https://www.radiocaxias.com.br/certificado-em-2020-inav-e-declarado-orgao-de-utilidade-publica-em-caxias/>. Acesso em 24/02/2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. *In*:

BALDI, César Augusto (Org.). **Direitos humanos na sociedade cosmopolita** . Rio de Janeiro: Renovar, 2004. p. 239-277

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 2ª ed. São Paulo: Cortez – (Coleção para um novo senso comum, nº 4). 2008.

SANTOS, J. F. In: **Docência e inclusão escolar**: percursos de formação e de pesquisa / Maruren Lúcia Tezzari ... [et al.]. – Marília: ABPEE, 2020.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. Manaus, 2012. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2021/03/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em maio 2022.

A FASE VAI À FEIRA COM O IFRS: PARCERIAS QUE RESSIGNIFICAM¹

Izandra Alves², Viviane Diehl³, Catharine Isadora Nonemacher Ledur⁴, Julia John Antonio⁵

RESUMO

As atividades socioeducativas têm se mostrado ser significativas para a formação dos jovens em privação de liberdade, bem como as equipes envolvidas. A parceria entre IFRS e FASE leva a leitura e promove o encontro entre leitores e livros. Para atender às necessidades dessa comunidade, desenvolvemos encontros de maneira artística, lúdica, provocadora e crítica. Este resumo refere-se à oficina “Literatura e Arte na Socioeducação: ressignificações”, realizada no evento “FASE vai à Feira”, durante a 69ª Feira do Livro de Porto Alegre. Assim, retomamos a ação realizada em 2022, a partir das fotografias dos meninos capturadas por Josué Braun a fim de ressignificá-las por meio de relações que possuem com a

¹ Projeto intitulado “Experiências de leitura compartilhadas” submetido e aprovado via edital de fomento IFRS nº 02/2023 – Auxílio Institucional à Extensão 2023. Cadastrado e aprovado no sistema sob código: PJ44-2023.

² Doutora em Letras, Docente de Literatura, Língua Portuguesa e Espanhola do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Feliz. izandra.alves@feliz.ifrs.edu.br.

³ Doutora em Educação, Educadora na área de Artes/Cerâmica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Feliz. viviane.diehl@feliz.ifrs.edu.br.

⁴ Estudante do Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Feliz. catharine.ledur@aluno.feliz.ifrs.edu.br.

⁵ Estudante do Curso Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Feliz. julia.antonio@aluno.feliz.ifrs.edu.br.

poesia de temática sobre identidade. As fotografias dos meninos, inicialmente expostas em um varal, foram distribuídas para que os participantes, com agulha e linha, interferissem na imagem, metaforizando as marcas deixadas a partir do contato com o outro. As imagens bordadas retornaram ao varal para exposição. Os resultados incluíram: intervenções artísticas dos participantes, feedbacks positivos sobre a oficina e matéria publicada no site do governo do estado do Rio Grande do Sul. Destacamos a motivação dos participantes e a crescente demanda por ações semelhantes, evidenciando a eficácia e a importância do texto literário e da arte na socioeducação.

Palavras-chave: Socioeducação. Mediação de leitura. Identidade.

Introdução

O projeto “Experiências de leitura compartilhadas” realiza oficinas voltadas à comunidade externa ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus Feliz*, promovendo atividades ligadas à arte e à leitura junto de diferentes grupos sociais. Por meio de textos literários, tanto verbais quanto não verbais, o projeto busca (re) significar vivências, abordando inquietações que emergem em contextos de vulnerabilidade como: a privação de liberdade nos centros de socioeducação, os desafios do crescimento no caso das crianças das instituições escolares, o abandono nos lares de idosos e a insegurança nos hospitais.

Nesse sentido, restaurar as ações realizadas a partir de momentos significativos torna-se de extrema importância para ampliar os conhecimentos e desenvolver novas ações que possam impactar positivamente e abrir-se a releituras e reescritas do já feito e do já lido. Desta forma, este trabalho se debruça sobre uma ação que retomou oficinas de anos anteriores, realizadas no Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE), Caxias do Sul. Os participantes foram provocados a moverem-se e comoverem-se a partir do que integrantes de oficinas anteriores fizeram.

Assim, esta escrita se atém à oficina “Literatura e Arte na Socioeducação: Ressignificações”, realizada durante a 69ª Feira do Livro de Porto Alegre, no evento “FASE vai à Feira”. A oficina teve como objetivo mostrar o trabalho realizado no ano de 2022, com os jovens que cumpriam medidas

socioeducativas no CASE, Caxias do Sul e, ao mesmo tempo, promover discussões acerca de como todos os que estão diretamente com eles os afetam e são afetados em suas práticas diárias. Para tanto, as fotografias capturadas pelo fotógrafo profissional Josué Braun, o texto literário, a música e a experiência manual do bordado foram as pontes de acesso às subjetividades dos participantes.

A atividade contou com a presença de autoridades e servidores da Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE) do Rio Grande do Sul e, principalmente, de jovens que cumpriam medidas socioeducativas naquele momento e foram levados ao evento. O encontro criou um espaço de acolhimento e reflexão, promoveu o diálogo entre os participantes e integrou-os às propostas do projeto.

Desenvolvimento

Muitas são as teorias que defendem a leitura como elemento de relevância para a vida aos sujeitos. Destacamos aqui Antonio Candido (2011) e seu célebre artigo sobre o direito à literatura como um bem incompressível. No caso dos jovens em privação de liberdade, esses estudos são fundamentais para sustentar as ações dos projetos desenvolvidos com este público, pois eles precisam ter a garantia desse direito, mesmo que frequentemente temporariamente um espaço de crise, como destaca Michèle Petit (2009).

Além desses autores que sustentam nosso estudo em defesa da literatura em espaços não formais e para públicos em vulnerabilidade social, destacamos, ainda, a pesquisa de Duarte Júnior (1994, p. 136) acerca da arte e da sua íntima relação com a humanidade. Diz ele que “a arte está com o homem desde que este existe no mundo, ela foi tudo o que restou de culturas pré-históricas”. Assim, se a arte é uma das atividades que sempre andou lado a lado com a evolução do homem e, por meio dela se pode compreender o mundo, ela é, então, muito mais do que um recurso estético; é, sob o prisma do autor, principalmente, facilitadora de descobertas, de motivações, de curiosidades, de tensões, de limites e de construção de conhecimentos para lidar com os desafios, as fragilidades e as rupturas que se interpõem na vida cotidiana.

Em diálogo com essas teorias é que se deu a escolha para trabalharmos com a temática da identidade com os adolescentes privados de liberdade por meio da palavra e da imagem. O intuito de possibilitar aos adolescentes o encontro com textos verbais e não verbais que permitissem o olhar para

si mesmos foi sempre o principal objetivo da ação, pois acreditamos que, conforme explica Michèle Petit (2009), eles são as pontes de acesso para o resgate de memórias, de histórias e de afetos que interferem na constituição do que somos e que apontam para onde seguiremos. Quando promovemos a continuidade do trabalho, essa mesma possibilidade também tornar-se real, no momento em que a imagem volta à socioeducação, porém em um espaço extramuros para ser revisitada através do ponto, da interferência do bordado, tendo como participantes tanto o público interno - meninos em privação de liberdade, agentes socioeducadores, gestores das unidades e da própria FASE - como o público externo, visitante da maior feira de livros do estado do RS, a Feira do Livro de Porto Alegre.

Como processo metodológico, destacamos que as ações são organizadas a partir de uma fase exploratória, momento primeiro da investigação, quando reunimos as necessidades do grupo a cada ano de encontros. No ano de 2022, iniciamos o projeto das fotografias (já mencionado) e escolhemos trabalhar a temática da identidade com os adolescentes privados de liberdade por meio da arte: a da palavra e a da imagem. Realizamos duas oficinas de aproximadamente duas horas cada uma, efetivadas no espaço socioeducativo, conforme a Figura 1.

Destacamos que aconteceram dois encontros em cada turno para podermos atender os garotos de acordo com a organização da instituição. Cada momento foi cuidadosamente planejado em conjunto com as equipes do projeto, da instituição socioeducativa e da escola Paulo Freire, que está instalada na unidade. O intuito de possibilitar aos adolescentes o encontro com textos verbais e não verbais que permitissem o olhar para si mesmos foi sempre o principal objetivo da atividade, pois acreditamos que, conforme explica Michèle Petit (2009), eles favorecem as possibilidades de acesso para as subjetividades, ao revisar a própria trajetória e ressignificar as narrativas e laços que participam da formação humana.



Figura 1. Oficina realizada no CASE - Caxias do Sul.

Fonte: autores do projeto Experiências de leitura compartilhadas (2022).

Os produtos gerados na oficina de 2022 – desenhos, pinturas, fotografias e áudios – foram reconduzidos em 2023 para outra oficina que uniu o público externo ao Case Caxias do Sul, na Feira do Livro de Porto Alegre/RS. No evento, envolvemos os participantes entre fios, textos e perspectivas de ressignificações, os presentes foram entrelaçados, simbolizando a trama das relações diárias, enquanto a música “As tecelãs” convidava à reflexão. Em duplas, o público foi convidado a pegar seus smartphones para acessar o QR code com os poemas e, enquanto um lia os poemas - “Poética”, de Vinícius de Moraes, “Retrato”, de Cecília Meireles, e “O autorretrato”, de Mário Quintana -, o outro olhava-se no espelho a fim de refletir sobre questões de identidade, subjetividade e demais relações cotidianas com a alteridade, conforme mostra a Figura 2. Assim, os mais de 50 participantes da oficina foram provocados a pensar acerca das (trans)formações que sofremos a partir

do contato consigo mesmo e com o outro. Na sequência, as fotografias dos meninos, inicialmente expostas em um varal, foram distribuídas para que os participantes, com agulha e linha, interferissem na imagem, metaforizando as marcas deixadas a partir do contato entre si. As imagens em preto e branco receberam intervenções realizadas pelo público participante com fios e agulhas que simbolicamente produziam as relações entre servidores da socioeducação e o modo como a alteridade nos (trans)forma (figura 3 e 4).



Figura 2. Leitura durante a oficina na Feira do Livro de Porto Alegre.
Fonte: autores do projeto Experiências de leitura compartilhadas (2023).



Figura 3. Intervenções artísticas nas fotos dos jovens do CASE.
Fonte: autores do projeto Experiências de leitura compartilhadas (2023).



Figura 4. Intervenções artísticas nas fotos dos jovens do CASE.
Fonte: autores do projeto Experiências de leitura compartilhadas (2023).

Os registros escritos pelos meninos e pelos oficineiros, bem como os produtos gerados durante as oficinas que realizamos são dados categorizados à luz da análise de conteúdo de Bardin (2009), classificados de acordo com as temáticas trabalhadas nos encontros e servem de elementos para discussão dos resultados a partir das teorias da área da leitura. Notamos que, ao longo das ações, pouco a pouco ocorre a intervenção na realidade onde atuamos. Isso porque os meninos sentem-se acolhidos, expressam questionamentos e dúvidas, manifestam opiniões acerca de sua realidade naquele espaço, de seus problemas comuns, de seus medos e anseios.

Conclusões

Ficou evidente que a partir da experiência todos nós somos afetados e os efeitos da vivência ficam refletidos em nossas emoções, em nossa maneira de ver o outro e o mundo. Assim como explica Larrosa (2011), a leitura é uma experiência de linguagem e de pensamento; uma experiência emocional onde está em jogo a sensibilidade, os nossos sentimentos. Da mesma forma, a experiência estética da arte nos envolve e faz retornar ao essencial que nos constitui. Assim, são esses elementos que compõem a nossa subjetividade e, a partir deles, somos construídos e reconstruídos a cada dia.

Como resultados, destacamos os materiais produzidos durante os encontros que são potentes em dados como fonte de análise. Tratam-se de relatos orais, palavras, frases e parágrafos escritos pelos meninos que marcam e ratificam a relevância das ações. Das oficinas de 2022, também destacamos os desenhos realizados por eles a partir das fotografias de autorretrato que foram muito significativas por revelarem o modo como eles se veem e como essa auto imagem se faz importante para cada um. Em 2023, essas mesmas imagens fotográficas observadas e alteradas por outros, em contexto extra muros, também são reveladoras de muitos sentidos e significados. Ao serem bordadas, as fotografias dos meninos ganharam cores, contornos, palavras sobrepostas que permitiram perceber e reafirmar a relevância das ações com Literatura e Arte, que nos movem a acreditar na socioeducação e no impacto para a ressocialização.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70 LDA, 2009.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

\\ Relatos de Experiências

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. 3ª Ed. Campinas: Papyrus, 1994.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. Tradução de Maria Carmem Silveira Barbosa e Suzana Beatriz Fernandes. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.19, n 2, p.04-27, jul./dez. 2011.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: ED.34. 2009.

BANDAS NO PRELÚDIO 2023: O RECOMEÇO DO PROJETO PÓS-PANDEMIA¹

Maria Amélia Benincá de Farias², Taise Cristina Garcia³

RESUMO

O objetivo deste relato é apresentar como se deu o reinício do projeto Bandas no Prelúdio, após sua interrupção em função da pandemia. O objetivo do projeto é incentivar a comunidade jovem (14 a 21 anos) a engajar-se em práticas musicais coletivas, tendo o modelo de bandas (bateria, guitarra, baixo, teclado e voz) como base, bem como a ingressar no curso técnico em instrumento musical. A execução do projeto é orientada pelas propostas teóricas, metodológicas e pedagógicas da *Community Music*, uma linha de pesquisa dentro da Educação Musical que privilegia a experiência da prática musical coletiva de uma comunidade como forma de aprender e formar laços. O projeto, iniciado em 2017 e interrompido no início de 2020, retorna em 2023 em uma nova condição sócio-histórica pós-pandêmica, recebendo integrantes novos e antigos que tiveram seu contato com a prática musical profundamente impactado pelo isolamento social. Assim, a edição em questão representou um novo começo para o projeto, acolhendo grupos cada vez mais diversos em termos de experiências e vivências. Com o consistente trabalho da bolsista de extensão, foi possível formar duas bandas, da qual resultaram

¹ Projeto de Extensão: Bandas no Prelúdio – 2023, 2023, código SIGAA: PJ193-2023.

² Doutora em Música pelo PPGMUS da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, campus Porto Alegre. maria.beninca@poa.ifrs.edu.br

³ Mestranda em Música pelo PPGMUS da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. taisecrgarcia@gmail.com

apresentações, composições próprias e, inclusive, ingressos no curso técnico em instrumento musical.

Palavras-chave: Bandas. Prática musical coletiva. *Community Music*. Educação Musical. Juventude.

Introdução

Este relato irá apresentar como se deu o recomeço do projeto Bandas no Prelúdio, no *Campus* Porto Alegre do IFRS, após o período pandêmico. O projeto teve edições em 2017, 2018 e 2019, e recomeçou em 2023, com novos integrantes somando-se aos que ainda tinham idade para seguir nas bandas. O objetivo do projeto é incentivar a comunidade jovem (dos 14 aos 21 anos) a engajar-se em práticas musicais coletivas, tendo o modelo de bandas (bateria, guitarra, baixo, teclado e voz) como base. O projeto também visa o incentivo ao ingresso no curso técnico em instrumento musical, bem como à formação extensionista para práticas músico-pedagógicas de ensino e aprendizagem de música. Este relato irá abordar como se deu a aplicação da metodologia proposta nesta nova condição sócio-histórica pós-pandêmica⁵, seus objetivos e resultados alcançados, perspectivas para sua continuação, bem como o reflexo desta vivência na formação discente da bolsista de extensão.

O projeto e seu desenvolvimento

O projeto Bandas no Prelúdio 2023 propunha uma metodologia dividida em duas partes: a prática musical direta e o compartilhamento público do resultado destas práticas em apresentações. Após um chamamento à comunidade⁶,

⁴ O Projeto Prelúdio é um programa de extensão do IFRS – *Campus* Porto Alegre, que promove educação musical gratuita à comunidade, ao qual ligam-se diversos projetos e cursos, como oficinas de instrumentos, corais, grupos instrumentais e este projeto – por isso o nome, “Bandas no Prelúdio”.

⁵ Esta nova condição sócio-histórica se refletiu na desmobilização dos espaços coletivos de prática musical e na chegada de jovens mais retraídos e com menos (ou nenhuma) experiência musical, em função do longo período de isolamento a que fomos todos submetidos.

⁶ A divulgação da retomada do projeto Bandas no Prelúdio e respectiva abertura de inscrições se deu por e-mail, para todas as famílias do Projeto Prelúdio, por cartazes espalhados no Espaço Prelúdio, e através de conversas diretas com alunos e familiares, com o apoio do corpo docente do Projeto Prelúdio. A divulgação foi feita inclusive para famílias com estudantes fora da faixa etária (14 a 21 anos), para incentivá-los a convidar amigos e colegas fora do projeto, que poderiam ter interesse em participar também.

em abril de 2023, foi possível formar duas bandas que realizavam ensaios semanais — um na segunda-feira (Banda mista, com 4 integrantes) e outro na quinta-feira (banda Afetropia, formada apenas por meninas⁷, com 5 integrantes) — iniciados no dia 04 de maio de 2023. Os ensaios, com duração de cerca de uma hora e meia, desenvolveram-se no Estúdio 3 do Espaço Prelúdio, localizado no campus Porto Alegre do IFRS, utilizando também a estrutura técnica e instrumentos musicais da instituição. Formaram-se grupos diversos em termos de experiências e vivências musicais, mas todos engajados no desejo de formar uma banda, tocar e compor.

Os ensaios eram orientados pelas propostas teóricas, metodológicas e pedagógicas da *Community Music*, uma linha de pesquisa dentro da Educação Musical, voltada para os processos músico-pedagógicos que se estabelecem em ações músico-pedagógicas coletivas, buscando a expressão musical dos sujeitos de um determinado grupo, considerando seus contextos sociais (Banffy-Hall; Hill, 2017). Estes projetos proporcionam a resignificação das práticas musicais, incentivando participantes a expressarem-se através dos instrumentos e músicas que fazem sentido para si. É nesse sentido que Schmidt e Siedenburg (1999) vem o principal potencial pedagógico de projetos dessa natureza, que é o de proporcionar que suas participantes “superem o medo do contato e descubram a música como meio de expressão” (Ibidem, p. 109).

Para este projeto, não havia pré-requisito quanto a conhecimentos musicais para entrar. Alguns participantes já tocavam instrumentos musicais diversos, enquanto outros tinham pouca ou nenhuma experiência. Na metodologia proposta, isso não representa um problema, mas uma característica de projetos orientados pela *Community Music*, que incentiva a aprendizagem entre os pares, com experiências diversas.

Além da aprendizagem coletiva, também as decisões musicais em torno da banda eram tomadas a partir de conversas e negociações no grupo. O repertório escolhido não tinha uma delimitação de gênero, sendo orientado pelos gostos dos integrantes, que precisavam conversar entre si para chegar a um consenso. Além disso, foram propostas atividades de criação e uma das bandas (a Afetropia) conseguiu, também de forma coletiva, compor uma canção inédita, trocando entre si ideias de acordes, ritmos e letras.

⁷ Esta banda surge a partir da proposta de ser um espaço para pessoas socializadas como meninas e que sofreram as consequências desta (como, por exemplo, ter pouco acesso a práticas musicais em banda, espaço formado majoritariamente por homens), mesmo que, no decorrer do projeto, integrantes tenham vindo a questionar seu gênero imposto, caminhando para uma autoidentificação não-binária.

\\ Relatos de Experiências

Do dia 04 de maio ao dia 07 de dezembro, foram realizados cerca de 53 encontros, sendo destes, 6 apresentações públicas: um evento externo, abertura da MostraPoa 2023 (Figura 1), inauguração do mural do Espaço Conviva (Figura 2), duas participações em audições do projeto Prelúdio e o show de encerramento desta edição do projeto (Figura 3). Em todos estes encontros, as bandas foram orientadas pela coordenação, com a importante atuação da bolsista que, além de também orientar, participou como instrumentista nas duas bandas, em diferentes posições, de acordo com a necessidade de cada arranjo ou composição musical trabalhada.



Figura 1. Afetropia na Abertura da MostraPoa 2023.

Fonte: Acervo próprio (2023).



Figura 2. Banda mista na inauguração do mural do Espaço Conviva.

Fonte: Acervo próprio (2023).



Figura 3. Bandas reunidas no encerramento da edição 2023 do projeto Bandas no Prelúdio

Fonte: Acervo próprio (2023).

Resultados observados

Para a bolsista de extensão, a atuação no projeto revelou-se muito enriquecedora. Lidar com as diferenças nas relações e com as múltiplas possibilidades do ensino e da aprendizagem em música fomentaram seu conhecimento enquanto docente, estudante e artista, pois esteve no papel de ensinar a partir de seu conhecimento, no de aprender a partir do conhecimento dos outros participantes do projeto — integrantes e docente — e no de performar junto às bandas. Na prática, a bolsista auxiliou nas orientações do ensaio, tocando e ajudando os integrantes com seus instrumentos. Além disso, os resultados obtidos residem também no desenvolvimento das relações interpessoais da bolsista com os integrantes da banda, bem como dos integrantes entre si, fundamentais no processo de fazer música.

Um dos principais resultados alcançados, tanto para a bolsista quanto para os demais extensionistas, encontra-se no entendimento da dinamicidade do ensino e da aprendizagem em música, compreendendo este processo como fruto da tentativa/erro e da tentativa/acerto. De fato, a construção do processo de ensino e aprendizagem depende, em grande parte, dos sujeitos envolvidos no processo, em ambos os lados — quem participa e quem orienta. Durante a execução do projeto, tanto coordenação quanto bolsista integraram-se às práticas do grupo, mesmo em instrumentos que não dominam, para incentivar a experimentação e encorajar uma prática musical ativa, de tentativa e erro, no processo de se apropriar e perder o medo de tocar. Ao se aproximarem de uma horizontalidade no processo de aprendizagem, a docente orientadora e a bolsista puderam demonstrar aos integrantes das bandas que o percurso se faz desafiador para todas pessoas, inclusive para quem já tem experiência. No processo, há avanços e há frustrações: encarar essa realidade é fundamental na aprendizagem musical.

Quanto aos resultados junto aos extensionistas, observou-se uma grande aproximação com a prática musical, evidenciada pela aprendizagem de novos instrumentos, composição de músicas, construção de versões de músicas existentes (*covers*)⁸ e apresentações realizadas. Ademais, alcançando um grande objetivo presente no projeto — o de fomentar o interesse pelo curso

⁸ Os covers eram escolhidos de acordo com as sugestões dos integrantes das bandas. A banda mista se construiu a partir da escolha de músicas que não eram conhecidas por todos integrantes. A banda Afetropia construiu covers de músicas que já eram conhecidas por todas integrantes, destacando os interesses em comum entre as integrantes. De toda forma, o gênero que predominou foi o Pop Rock.

técnico em instrumento musical do IFRS — tivemos dois integrantes que fizeram parte do processo seletivo do curso técnico: um integrante da banda mista se inscreveu no curso de violão e uma integrante da banda Afetropia se inscreveu no curso de teclado. Cabe mencionar que esta última integrante teve suas primeiras experimentações com instrumentos musicais dentro das bandas, evidenciando a importância do projeto junto à comunidade juvenil que se encontra distante das práticas musicais.

Conclusão

Neste relato, buscou-se apresentar como foi o reinício do projeto Bandas no Prelúdio após o período de pandemia, com integrantes que tiveram seu contato com a prática musical e suas experiências sociais impactadas pelo período de isolamento. O projeto buscou ser um espaço inclusivo para a prática musical coletiva e criação ativa, incentivando o contato direto com os instrumentos musicais, a tentativa no processo de aprendizagem — ressignificando o erro como parte do processo de aprendizagem pelo qual todos passam e não como um definidor de capacidade ou falta de — e, entre os extensionistas, o ensino e apoio mútuo, sempre com a orientação da coordenação e da bolsista. Também se visou despertar o interesse pela continuidade nos estudos musicais e o ingresso no curso técnico em instrumento musical, objetivo alcançado com pelo menos dois integrantes da banda que seguiram em frente com o processo seletivo para o curso, sendo ambos aprovados.

Na perspectiva da bolsista, foi possível reconhecer a importância do projeto junto à comunidade juvenil que o constrói, preenchendo uma lacuna de ausência de espaços públicos e de qualidade que promovam uma aprendizagem em música. É inegável que cada um dos integrantes das bandas aprendeu muito e tem muito gosto pela ação, algo que ficou claro na energia com que se dedicaram aos ensaios e apresentações e que foi verbalizado no desejo de que a ação siga com uma nova edição em 2024.

Para as edições futuras, há a necessidade de seguir repensando a metodologia para incluir e abarcar cada vez mais a realidade que parece se colocar, ou seja: da chegada de integrantes com cada vez menos experiência em prática musical, tanto individual quanto coletiva, bem como com grande dificuldade de acesso à prática musical proposta. Por fim, cabe destacar a importância da atuação da bolsista para o sucesso do projeto, bem como a relevância de projetos como este para a formação dos discentes extensionistas.

O envolvimento da bolsista foi essencial para o sucesso da ação e também resultou no interesse desta em dar seguimento a seus estudos na música e, mais especificamente, na educação musical. O projeto, ao reiniciar em 2023, foi bem-sucedido em cumprir seus principais objetivos, estabelecendo-se como espaço de práticas musicais coletivas, inclusivas e incentivadoras para a continuidade da formação musical de seus extensionistas.

Referências

BANFFY-HALL, Alicia de. HILL, Burkhard. **Community Music**: Eine Einführung. Kulturelle Bildung Online, [s.l.]: [s.n], 2017. Disponível em: <<https://www.kubi-online.de/artikel/community-music-einfuehrung>> . Acesso em 18 ago 2020.

SCHMIDT, Maria; SIEDENBURG, Ilka. „rocketta“ Das hessische Rockmobil für Frauen und Mädchen. In: PLEINER, Günter, HILL, Burkhardl (Org.). **Musikmobile, Kulturarbeit und Populäre Musik**: Pädagogische Theorie und musikalische Praxis. Wiesbaden: Springer Fachmedien, 1999. P. 104-116.

PRÁTICAS PARA MELHORIAS DA QUALIDADE E HIGIENE DO LEITE¹

Laís Paula Tomazeli², Daniela Marques de Oliveira³, Ariel Silveira de Almeida⁴,
Carla Verônica Vasconcellos Diefenbach⁵

RESUMO

A Bovinocultura de leite é um setor que auxilia no abastecimento alimentar das cidades, por isso é importante estar atento aos cuidados com a qualidade do leite. Na prática, observa-se que em algumas propriedades, as deficiências de qualidade e higiene estão relacionadas apenas a pequenas adequações e treinamentos da mão de obra, além de orientações sobre o uso correto dos produtos. Assim sendo, o objetivo do presente projeto, é reconhecer as principais dificuldades encontradas pelos produtores no alcance de bons parâmetros de higiene e qualidade nas respectivas propriedades, e levar conhecimentos das questões abordadas para que elas estejam de acordo com a legislação. A metodologia deu-se por meio da aplicação de um formulário, em propriedades localizadas nas cidades de Barão de Cotegipe, Erebango, Marau, Quatro Irmãos, São João da Urtiga e Soledade, localizados no estado do Rio Grande do Sul, além de revisões bibliográficas sobre

¹ Projeto vinculado ao Edital PROEX Nº30/2023 – Auxílio Institucional à Extensão 2024.

² Estudante do Curso Bacharelado em Zootecnia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Sertão. 0161241@aluno.sertao.ifrs.edu.br

³ Estudante do Curso Técnico em Agropecuária no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Sertão. 0091227@aluno.sertao.ifrs.edu.br.

⁴ Estudante do Curso Técnico em Agropecuária no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Sertão. 0081221@aluno.sertao.ifrs.edu.br

⁵ Doutora em educação, Docente de Zootecnia, Orientadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Sertão. carla.diefenbach@sertao.ifrs.edu.br

o assunto. A produção de leite de qualidade propicia, de forma benéfica, resultados positivos tanto para os produtores como para a indústria de modo geral, sendo que, conseqüentemente, irá contribuir com a garantia de uma segurança alimentar aos consumidores e a própria competitividade no mercado.

Palavras-chave: Bovinocultura de leite; Biosseguridade; Manejo.

Introdução

A bovinocultura de leite no Brasil é uma atividade econômica importante, destacando-se pela produção significativa de leite e seus derivados. O Brasil é um dos maiores países produtores de leite do mundo, com destaque para os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul.

No ano de dois mil e vinte e quatro, o Rio Grande do Sul passou por umas das maiores tragédias climáticas da história do país. Sendo um dos estados que mais produz leite, a atividade leiteira foi fortemente afetada durante esse período com perdas e destruições incalculáveis. As enchentes dificultaram o acesso às propriedades, impedindo o transporte de leite e afetando a coleta e o escoamento da produção. A falta de energia elétrica também exigiu o uso de geradores em muitas áreas, o que causou um aumento no custo de produção para os produtores. Além desses problemas, diversas propriedades tiveram dificuldades de realizar um manejo adequado no período de chuvas, o que resultou um aumento de problemas na saúde animal, como mastite e lesões, comprometendo a qualidade do leite. Com isso, procedeu-se um cuidado ainda maior com a biosseguridade no que tange a qualidade do leite (Betanin; Diefenbach, 2020).

De acordo com Pegoraro *et al.* (2019), as pessoas diretamente envolvidas na atividade leiteira devem ter o conhecimento sobre os riscos que envolvem a introdução e a disseminação de determinados patógenos nos rebanhos, o que altera os parâmetros de qualidade. Para atender a demanda dos consumidores e as exigências legislativas, é necessário a implementação de melhorias. Muitas destas medidas necessárias para a melhoria da qualidade são amplamente reconhecidas em relação à importância, eficácia e resultados esperados (Santos, 2011).

Este estudo integra um projeto de extensão, realizado em doze propriedades rurais das regiões onde os bolsistas, discentes dos cursos de

Zootecnia e Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Sertão, domicíliam.

Metodologia

Para a realização do estudo foi utilizado uma metodologia que se deu por meio da coleta de dados através da aplicação de formulário em forma de entrevista aos produtores das propriedades selecionadas, nos municípios de Barão de Cotegipe, Erebangó, Marau, Quatro Irmãos, São João da Urtiga e Soledade, localizados no estado do Rio Grande do Sul.

O formulário aplicado contava com um total de 57 perguntas, sendo as mesmas divididas nos seguintes temas: identificação do perfil pessoal do produtor, identificação do perfil da propriedade, as rotinas de ordenha, manejo, procedimentos de limpeza e manutenção dos equipamentos. Os parâmetros utilizados para avaliar a qualidade do leite foram a Contagem de Células Somáticas (CCS), Contagem Padrão em Placas (CPP), proteína e gordura.

Foram escolhidas propriedades com diferentes tipos de manejo e instalações, dando um parâmetro de como funciona cada sistema. Um dos principais critérios para a escolha foi a afinidade com os produtores, buscando propriedades onde houvesse interesse em adquirir novos conhecimentos e promover melhorias efetivas. O objetivo era manter um diálogo informal sobre o tema, visando o sucesso do processo. Essa experiência foi valiosa para o crescimento pessoal e profissional, permitindo a observação de realidades diferentes, não apenas entre as propriedades, mas também nas regiões envolvidas no estudo.

Desenvolvimento e Processos Avaliativos

Ao analisar a situação geral das propriedades, constatou-se a diversidade das propriedades estudadas (Figura 1). São produtores entre 25 e 67 anos, seis possuem ensino fundamental, quatro possuem ensino médio e dois possuem ensino superior. Em comum, a grande parte, utiliza mão de obra exclusivamente familiar, somente uma propriedade conta com funcionários e executam a atividade como principal geradora de renda. Acerca de palestras e treinamentos, sete produtores relataram que participam dos mesmos, grande parte recebe assistência técnica quando necessário. A falta de mão de obra, o preço do leite e as condições climáticas desfavoráveis são as principais dificuldades encontradas na atividade pelos produtores entrevistados.



Figura 1. Bovinos leiteiros da propriedade localizada no município de Barão de Cotegipe/RS. **Fonte:** próprios autores (2024).

Em relação ao número de animais envolvidos, variaram de 4 a 38 animais lactantes, se tratando de propriedades com predominância genética Holandesa e Jersey. Possuem sistemas de criações variados, onde a ordenha em 8 propriedades é feita em salas de ordenhas, e 4 em galpões adaptados. Além de realizarem a manutenção do sistema de ordenha entre 6 meses e 1 ano (Figura 2).



Figura 2. Local de ordenha da propriedade localizada no município de Marau/RS. **Fonte:** próprios autores (2024).

O momento da ordenha é uma etapa crítica em relação a transmissão da mastite contagiosa contida em vacas doentes para as vacas saudáveis. Um dos fatores observados que possa contribuir para melhores resultados, é o estabelecimento da sequência de ordenha e uso de pós e pré-dipping. A grande parte das propriedades não realiza o manejo de ordem de ordenha, e por se tratar de propriedades com uma quantidade relativamente pequena de animais, além de facilitar o manejo, evitaria uma possível contaminação entre o rebanho. O uso do pós e pré-dipping é de suma importância para a prevenção de infecções intramamárias, causadas por patógenos ambientais e contagiosos. Com isso, foi feita a sugestão da utilização dos produtos aos produtores que não faziam o uso deles.

Um outro fator importante analisado, é a secagem dos tetos. sete das propriedades visitadas não realizam esse manejo, três delas fazem o uso de toalhas de papel para a secagem e duas realizam toalhas de tecidos. A secagem dos tetos é um dos fatores mais importantes da rotina da ordenha a contribuir para a qualidade do leite e saúde glândula mamária e deve ser realizada com toalhas de papel individuais, descartáveis (EMBRAPA, 2002).

Além dos manejos citados acima, a introdução do teste da caneca e o Califórnia mastite teste (CMT) no programa de ordenha são essenciais, onde quatro propriedades realizam os dois testes e oito propriedades não fazem (Figura 3). O teste da caneca possui finalidade de funcionar como indicativo de forma rápida o animal que está com a presença de mastite. Já CMT é considerado um método indireto, o qual avalia a quantidade de células somáticas do leite (CSS), sob a ação de um detergente aniônico capaz de romper a membrana celular.



Figura 3. Califórnia mastite teste (CMT). **Fonte:** próprios autores (2024).

As exigências de qualidade para o leite cru refrigerado, conforme estabelecido pela Instrução Normativa nº 76 (Brasil, 2018), determinam que a contagem padrão em placas (CPP) não deve ultrapassar 300.000 UFC/mL e que a contagem de células somáticas (CCS) deve ser, no máximo, 500.000 CS/mL. Essas normas visam garantir que o leite chegue ao consumidor final com altos padrões de qualidade.

Ao analisar os resultados da contagem de células somáticas (CCS), verificou-se que 8 propriedades estavam dentro dos parâmetros exigidos pela norma, enquanto 4 propriedades apresentaram valores elevados de CCS, sendo necessário a implementação de melhorias para alterar os resultados elevados.

Conclusão

A realização deste projeto de extensão não apenas ampliou o conhecimento sobre a qualidade do leite, mas também fomentou um ambiente de aprendizado colaborativo entre as discentes e as propriedades rurais envolvidas. Através da aplicação de práticas de manejo e da elaboração de uma cartilha informativa, conseguimos proporcionar orientações valiosas

que visam não apenas a melhoria da qualidade do leite, mas também a promoção de hábitos que garantam a segurança alimentar e o bem-estar dos consumidores.

Entretanto, ao refletirmos sobre o impacto desse projeto, é importante reconhecer os desafios enfrentados, como as enchentes que atingiram nossa região no ano passado e novamente neste ano. Essas calamidades naturais afetaram severamente as propriedades rurais, comprometendo a produção e exigindo resiliência por parte dos agricultores. Em meio a esse cenário adverso, o conhecimento adquirido pelas discentes tornou-se ainda mais relevante, pois possibilitou a implementação de práticas que minimizam os danos e promovem a recuperação das atividades produtivas.

Dessa forma, o projeto não apenas trouxe à tona uma abordagem técnica e informativa, mas também se transformou em um pilar de apoio para as famílias afetadas, fortalecendo laços comunitários e contribuindo para a construção de um futuro mais sustentável. Ao levar os conhecimentos adquiridos para suas famílias, os discentes reafirmam seu compromisso com a qualidade da produção leiteira e com a solidariedade, demonstrando que, mesmo diante de adversidades, é possível avançar em direção a melhores práticas e resultados. Assim, celebramos os frutos desse esforço coletivo, que visam a excelência na produção leiteira e a melhoria contínua das condições de vida no campo.

Referências

BETANIN, Júlia; DIEFENBACH, Carla Verônica. Práticas para melhorias da qualidade e da higiene do leite. In: 8º SEMEX, 2020, Bento Gonçalves. **Anais [...]**. Bento Gonçalves: 2020. v. 8, p. 1-1.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/gabinete do Ministro. **Instrução normativa nº 76, de 26 de novembro de 2018**. 230. ed. diário oficial da união: Imprensa Nacional Casa Civil da Presidência da República, 30 nov. 2018. Seção 1, p. 9. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia//asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/52750137. Acesso em: 18 de novembro de 2024.

EMBRAPA. **Manejo Correto da Ordenha e Qualidade do Leite**. 1ª edição, cap. 27. Bagé, RS. Ano 2002.

PEGORARO, L. M. C. **A importância da biossegurança na bovinocultura leiteira**. 9º Simpósio Brasil Sul de Bovinocultura de Leite, 2019.

SANTOS, M.V; FONSECA, L. L. F; **Controle da Mastite e Qualidade do Leite: desafios e soluções**. Pirassununga: Edição dos Autores, 2019.

\\ Relatos de Experiências

SANTOS, M. V. **Como o pagamento influencia a qualidade do leite?** Pirassununga, ago. 2011. Disponível em: <https://www.milkpoint.com.br/colunas/marco-veiga-dos-santos/como-o-pagamento-influencia-a-qualidade-do-leite73858n.aspx#:~:text=O%20sistema%20de%20pagamento%20inclu%C3%ADa,ap%C3%B3s%20a%20aplica%C3%A7%C3%A3o%20do%20programa>. Acesso em: 18 de novembro de 2024.

CLUBE DE LEITURA - MULHERES: DESAFIOS E AÇÕES NO ANO DE 2024¹

Laura Rech Gonçalves², Gláucia da Silva Henge³

RESUMO

O projeto “Clube de Leitura – Mulheres” do IFRS Campus Canoas, ativo desde 2022, promove a valorização da autoria feminina e incentiva debates sobre igualdade de gênero por meio da literatura, além de outros tópicos que possuam um impacto significativo. Encontros mensais com a comunidade discutem obras escolhidas com base em critérios de diversidade cultural, étnico-racial e temporal, ampliando repertórios socioculturais e desconstruindo o cânone literário predominante masculino. Fundamentado na educação para a cidadania e igualdade de gênero, o projeto busca combater o silenciamento historicamente reforçado das vozes femininas na literatura. Em 2024, alcançou uma média significativa de participantes por encontro, maior engajamento nas redes sociais e premiações, envolvendo estudantes, docentes e a comunidade externa. Os resultados demonstram o impacto do projeto na formação cidadã, ao incentivar reflexões sobre gênero e leitura como algo prazeroso e gratificante. Diante disso,

¹ Projeto de Extensão: Clube de leitura - mulheres, 2024, protocolo SIGAA - módulo extensão nº PJ046.

² Estudante do curso técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Canoas. Contato: laurarech47@gmail.com

³ Doutora em Letras – Teoria do Texto e do Discurso (UFRGS). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Contato: glaucia.henge@canoas.ifrs.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9431-6755>.

conclui-se que a ação contribui para avanços no conhecimento e no reconhecimento da representatividade feminina na literatura.

Palavras-chave: Literatura. Autoras. Extensão. Clube de leitura.

Introdução

O Instituto Pró-livro, sob domínio do Instituto Inteligência em Pesquisa e Consultoria (Ipec), na sua 6ª edição da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, identificou o ano de 2024 como o menor em índice de leitura, tendo a média de 3,96 livros lidos por pessoa ao longo de um ano inteiro de vida (Instituto Pró Livro, 2024). Nessa mesma pesquisa, os indivíduos que compõe a sua amostra, quando questionados, disseram seus autores favoritos, dos quais menos da metade eram mulheres. Além disso, somente 27% dos brasileiros leram um livro inteiro no ano de 2024. Esses dados, combinados, evidenciam o atual cenário precário no qual se encontra o incentivo à leitura no Brasil: desvalorizado e patriarcal.

A inserção de ações que visem a redução de desigualdades sociais e o incentivo à cultura está prevista na Política de Extensão da rede IFRS, nos artigos 3, 11 e 15 (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, 2017). A literatura, como um todo, possibilita a junção de todos esses artigos, justamente por ser uma área ampla que, por meio da arte, permite a abordagem dos mais distintos temas, incluindo os ditos “universais”.

Os leitores fazem suas próprias conexões com as palavras, independentemente da intenção do autor. Assim, cada leitor obtém algo único. (AOYAMA, MICHIKO, 2023, p. 227)

Diante das reflexões apresentadas, procurando trazer o incentivo e a importância da leitura, juntamente com a abordagem de questões envolvendo gênero e outras temáticas socioculturais, vem sendo desenvolvido no campus Canoas do IFRS o projeto de extensão “Clube de leitura - mulheres”. Essa iniciativa, em seu primeiro ano com o status de projeto, proporcionou experiências e leituras inesquecíveis para os envolvidos, incentivando e introduzindo a comunidade, externa e interna à instituição, ao hábito de leitura, através de estratégias simples e viáveis.

Conheça o “Clube de leitura - mulheres”

A trajetória da iniciativa “Clube de leitura - mulheres” se iniciou antes do ano de 2024, sendo ela relacionada ao projeto indissociável “Núcleo de línguas e culturas”, também do IFRS campus Canoas. Fundado inicialmente em 2022, o clube de leitura surgiu como uma ação de projeto indissociável. Desde o começo, o clube sempre priorizou proporcionar à comunidade encontros presenciais significativos cujo grande foco é a literatura, o incentivo ao hábito da leitura e a devida valorização da autoria feminina. Para isso, a seguinte metodologia foi adotada e continua a ser utilizada: ao final de cada mês há um encontro híbrido a fim de promover uma conversa, entre os participantes, acerca da leitura de uma obra ficcional escrita por mulher realizada ao longo do mês e seus aspectos mais impactantes (Figura 1).



Figura 1. Registro do encontro do “Clube de leitura - mulheres” de novembro, em Canoas/RS. **Fonte:** próprios autores (2024).

Em 2023, o “Clube de leitura - mulheres” passou a ocorrer no espaço de Línguas e culturas da instituição (recém-inaugurado na época), oferecendo um ambiente acolhedor e instigante ao diálogo e à partilha. Em 2024, ao ser contemplado com fomento interno à extensão incluindo recursos inclusive para bolsa, o projeto teve seu dimensionamento ampliado.

Enquanto metodologia, em 2024, além do debate, foram adicionadas algumas atividades interativas após o encontro, procurando dinamizar o ambiente e a socialização entre os participantes. Uma outra novidade

importantíssima seria a parceria entre o “Clube de leitura - mulheres” com o seu antigo projeto, proporcionando aos participantes a possibilidade de lerem as obras selecionadas para cada mês do clube através dos dispositivos para leitura de e-book, os *kobos* adquiridos em ações de anos anteriores. Essa parceria torna o projeto ainda mais inclusivo, pois os leitores têm a oportunidade de optar por qual meio realizarão a leitura: o formato digital ou o físico, incentivando a leitura através da adequação do perfil e das preferências do(a) leitor(a).

Os desafios e as ações do clube de leitura em 2024

Os encontros de 2024 se iniciaram em maio, tendo nesse mês o bate-papo exclusivamente *online* (devido às fortes chuvas) sobre a obra “Assassinato no expresso Oriente”, escrita pela clássica Agatha Christie. O encontro que tratou do livro “Niketché: uma história de poligamia” (leitura de maio e junho), escrito pela moçambicana Paulina Chiziane, teve sua discussão somente no início de julho. Isso ocorreu devido ao período de calamidade ocorrido esse ano, e também pelo fato do IFRS *campus* Canoas ter atuado como um abrigo para os atingidos pela catástrofe.

No mês de julho, procurando ofertar uma leitura leve que desse início a um recomeço, a obra “Sejam bem-vindos à livraria Hyunam-dong”, escrita pela sul-coreana Hwang Boreum, foi a escolhida. Nela, questões acerca de relações pessoais e emoções, mundo do trabalho, e amor à literatura foram abordadas, gerando uma discussão aconchegante para os participantes. Em agosto, a belíssima história em quadrinhos “O beco do Rosário”, de autoria da porto-alegrense Ana Luiza Koehler, foi a obra abordada no encontro. Proveniente de suas pesquisas históricas e trabalho de conclusão de curso, ele busca apresentar ao leitor a urbanização na capital gaúcha no início do século XX, juntamente de questões densas como a expulsão sofrida pelos moradores da periferia, sexismo e racismo.

Graças aos livros, não ficamos acima ou à frente dos outros. Em vez disso, acho que os livros nos ajudam a ficar ao lado deles.(BOREUM, HWANG, 2023, p. 43)

Em setembro, o projeto propôs a leitura de “O céu para os bastardos”, da paulista Lília Guerra. Nele, conhecemos a realidade da comunidade “Fim-do-mundo” sob os olhos de Sá-Narinha, uma mulher negra e periférica. Além disso, o projeto esteve presente, com as suas leituras, na 14ª MoEXP

do *campus* Osório, recebendo o prêmio de destaque na feira. Em outubro, foi lida a obra “Oração para desaparecer” da cearense Socorro Acioli, que abordou a cultura originária, religiosidade, relações com Portugal e as raízes nordestinas do Brasil. Também, nesse mês, o projeto foi apresentado na 24ª MostraPoa do *campus* Porto Alegre, recebendo destaque, e na 7ª Mepex do *campus* Alvorada.

O mês de novembro foi repleto de atividades para a equipe e os participantes do clube. Essas atividades incluíram uma visita dos participantes à 70ª Feira do livro de Porto Alegre, para prestigiar a fala de Lilia Guerra e conhecê-la pessoalmente (Figura 2). A leitura realizada no mês foi “O Sol é para todos”, escrito pela estadunidense Harper Lee, amplamente debatido pelos integrantes do clube. Em dezembro, como último encontro da edição de 2024, o texto escolhido é “A biblioteca dos sonhos secretos”, da japonesa Michiko Aoyama, que aborda a magia da literatura.



Figura 2. Participantes do “Clube de leitura - mulheres” com a autora Lilia Guerra, na 70ª Feira do Livro, em Porto Alegre/RS. Fonte: próprios autores (2024).

Conclusão

Ao longo do relato, buscou-se destacar a importância do “Clube de leitura - mulheres” em sua comunidade de realização, promovendo um espaço de valorização da autoria feminina e da leitura como ferramenta crítica, inclusiva e social. Por meio das atividades sugeridas, foi possível tecer discussões enriquecedoras aos participantes acerca de questões envolvendo gênero e outros tópicos socioculturalmente relevantes.

[...] nenhum sistema educacional criado pelo homem o impediria de chegar aos livros. (LEE, HARPER, 2023, p. 47)

Os resultados alcançados em 2024 pelo projeto evidenciam avanços significativos no engajamento dos participantes, na visibilidade em eventos culturais e na promoção da representatividade feminina na literatura. Apesar dos desafios enfrentados, as estratégias adotadas permitiram a sustentação e ampliação do projeto, destacando-se como um espaço de troca e aprendizado sobre questões de gênero e cultura. Deseja-se, profundamente, vida longa e próspera ao projeto em sua continuidade.

Referências

AOYAMA, Michiko. **A biblioteca dos sonhos secretos**. Tradução de Jefferson José Teixeira. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2023. p. 227.

BOREUM, Hwang. **Sejam bem-vindos à livraria Hyunam-dong**. Tradução Jae de Hyung Woo. - 1a ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023. p. 43.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. Conselho Superior. **Política de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul**. Bento Gonçalves: IFRS, 2017 -. Disponível em: https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/08/Resolucao_058_17_Completa.pdf Acesso em: 28 nov. 2024.

INSTITUTO PRÓ LIVRO. Ministério da Cultura. **Retratos da Leitura no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Instituto Pró-livro, 2024-. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/> Acesso em: 28 nov. 2024.

LEE, Harper. **O Sol é para todos**. Tradução de Beatriz Horta. 58. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2024.

A LEITURA DE DOCUMENTOS ORIENTADORES E A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS COMO PRÁTICA DOCENTE: UMA EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA¹

Giovani Forgiarini Aiub², Luana Paula Maldaner³, Jaqueline Maria Wilmsen⁴,
Elisângela Xavier Martiny⁵, Samanta Soares Flores⁶

RESUMO

Este relato de experiência busca mobilizar as ações de estudantes do curso de Licenciatura em Letras do IFRS – *Campus Feliz* no Programa Residência Pedagógica (PRP), cuja atuação se deu na EMEF Cônego Alberto Schwade, na zona rural de Feliz/RS. Diante de uma situação educacional pós-pandemia, foram elaborados dois projetos baseados nas obras *O Pequeno Príncipe* (6º ano) e *A Menina que Roubava Livros* (9º ano). O primeiro projeto visou desenvolver habilidades críticas e empáticas, conectando leitura e vivências, enquanto o segundo abordou discurso de ódio e liberdade de expressão, estimulando reflexão crítica por meio de

¹ Relato de Experiência vinculado ao Programa Residência Pedagógica, Edição 2022-2024, realizada no IFRS, de acordo com Edital Capes nº 24/2022. Processo nº 23038.003851/2022-04.

² Doutor em Letras pela UFRGS, Docente do IFRS – *Campus Feliz*. giovani.aiub@feliz.ifrs.edu.br

³ Mestranda em Letras – Linguística pela PUCRS, Licenciada em Letras – Português e Inglês pelo IFRS – *Campus Feliz*. luana.maldaner@gmail.com

⁴ Licencianda em Letras pelo IFRS – *Campus Feliz*, Professora da rede de estadual de ensino no RS. jaquelinewilmsen@outlook.com

⁵ Licencianda em Letras pelo IFRS – *Campus Feliz*. martinyelisangela@gmail.com

⁶ Licenciada em Letras pelo IFRS – *Campus Feliz*. (in memoriam)

debates, produção textual e análise de gêneros diversos. Ambos os projetos promoveram práticas integradas de linguagem, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), incluindo leitura, produção textual, oralidade e análise linguística. Destaca-se que os resultados evidenciaram avanços no desenvolvimento linguístico e crítico dos alunos, ampliando vocabulário, reconhecimento e a aplicação da coerência e da compreensão textual.

Palavras-chave: Leitura. Produção Textual. BNCC.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra.” (Paulo Freire)

Para início de conversa

Partiremos da premissa de que ninguém se educa sozinho, nem mesmo com o admirável mundo da inteligência artificial batendo às nossas portas. Educar aqui deve ser entendido como o complexo processo de colocar em prática alguma teoria do conhecimento (FREIRE, 2000). Portanto, é um processo político e social. Neste sentido, pensando a educação nos períodos pré e pós-pandêmico, é possível dizer que o Brasil vem apresentando situações de baixo desempenho acadêmico, especialmente nos processos relacionados à aprendizagem de leitura e de compreensão textual. Segundo dados da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), na avaliação do PISA (*Programme International for Students Assessment*), em 2018, a média de proficiência em Leitura do Brasil foi de 413, enquanto que, em 2022, esta média caiu para 410, estando atualmente abaixo de países como Chile, com média 448, e Uruguai, com 430 (Brasil, 2022).

Em vista disso, podemos afirmar que a pandemia trouxe uma experiência adversa e a educação sofreu com isso. Essa ruptura nos processos de ensino e de aprendizagem, instaurados em virtude do isolamento social nos anos 2020 e 2021, causou, especialmente em escolas menos estruturadas em termos tecnológicos, uma defasagem de aprendizagem muito significativa. Sentimos tal processo ocorrer em uma série de escolas. E não foi diferente na EMEF Cônego Alberto Schwade, situada na zona rural do município de Feliz,

RS, escola-campo onde foi desenvolvido o Programa Residência Pedagógica (PRP) na área de Língua Portuguesa entre outubro de 2022 e março de 2024, vinculado ao IFRS – *Campus Feliz*.

Diante do desafio da recuperação de aprendizagem no período pós-pandêmico, o PRP veio ao encontro de ações para melhorar o desempenho escolar, pensadas pela Secretaria Municipal de Educação de Feliz/RS. Com base na proposta pedagógica da escola voltada à melhoria da proficiência de leitura e de escrita dos estudantes, as acadêmicas do curso de Licenciatura em Letras do IFRS – *Campus Feliz*, atuando como residentes, realizaram observações da prática docente da professora preceptora. Além disso, houve estudos minuciosos do Documento Orientador Municipal de Feliz, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), do Projeto Político Pedagógico (PPP) e do Regimento Escolar. Cabe dizer que é fundamental à formação docente conhecer a dinâmica da escola, organizar um plano de atividades e desenvolvê-lo em sala de aula de forma respeitosa e responsável. Como nos ensinou Freire (1996, p. 26), “ensinar exige rigorosidade metódica”, isto é, devemos nos aproximar dos objetos cognoscíveis dos estudantes para fazê-los avançar partindo de onde estão. Ainda, parafraseando Freire (1989), era preciso que fosse feita a leitura do mundo de nossos educandos para que, a partir dele, conseguíssemos estabelecer um laço entre este mundo e a leitura de outros textos.

Assim, com essa inserção na realidade escolar, através de estudos e ações preparatórias, as residentes, sob supervisão do docente orientador e da professora preceptora, desenvolveram atividades de leitura e de produção textual que buscaram mobilizar as quatro práticas de linguagem propostas pela BNCC, a saber: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística.

Neste texto, portanto, pretendemos apresentar como se deu o processo de construção de dois projetos desenvolvidos na escola já citada: um com o 6º ano, e outro com o 9º ano do Ensino Fundamental, no âmbito do Programa Residência Pedagógica.

Perspectivas teóricas: o pensar sobre a leitura com o alicerce na teoria discursiva

No eterno trabalho de nos construirmos docentes de línguas, especialmente de língua materna, é imprescindível que assumamos uma postura teórica que dê embasamento para refletir sobre a língua. E não há como se fazer uma reflexão sobre a língua senão pelo ato da leitura, especialmente uma

concepção de leitura que envolva o linguístico, o pedagógico e o social, todos ao mesmo tempo (Orlandi, 2006).

Afastamo-nos, portanto, de uma noção de leitura meramente mecanicista e tentamos nos aproximar de uma leitura que busca a compreensão, isto é, “compreender é saber que o sentido poderia ser outro” (Orlandi, 2006, p. 116). Assim, tomamos com base teórica de nosso trabalho de reflexão os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, especialmente noções que dão base para pensarmos a leitura no ambiente escolar.

Pensar a leitura através de sua relação com o compreensível (e não com inteligível/decodificável pura e simplesmente), é, acima de tudo, entender “a atribuição de sentidos considerando o processo de significação no contexto de situação, colocando-se em relação ao enunciado/enunciação” (Orlandi, 2006, p. 116). Diante dessa passagem de Orlandi, já se coloca que o sujeito deve ser também objeto de reflexão, pois, não há sujeito que não seja constituído pela linguagem. Dito de outro modo, pensando no ambiente escolar, é condição de ser do aluno a língua que o constitui, que o estrutura. E não é raro que a língua da escola, a língua nacional, isto é, a “língua historicamente cultivada pelo Estado nacional em sua própria constituição” (Payer, 2005, p. 56), não seja a mesma língua que é estruturante deste sujeito-aluno. Deste modo, é preciso que a língua da escola e a língua do aluno tenham uma distância a ser reduzida. Deve haver movimentos identitários por parte dos estudantes, e a escola deve propiciar mecanismos para que haja uma aproximação deste com a língua que se quer ensinar.

Portanto, é papel da escola, e do professor de línguas especialmente, fazer com que a reflexão sobre a língua se instale no processo de subjetivação destes educandos para que, a partir daí, haja um processo de compreensão do ato de ler, da leitura. Neste sentido, é a literatura que vai proporcionar aos estudantes, num primeiro momento, uma leitura que busca a compreensão. Em outras palavras, acreditamos que através de texto literários podemos fazer os estudantes assumirem um papel de sujeitos-leitores, justamente quando fazem relações do lido com suas vivências, estabelecendo relações não só linguísticas, mas principalmente com a exterioridade textual. Por fim, é preciso reafirmar que a exterioridade linguística é parte inerente ao processo de leitura e, portanto, da compreensão textual.

Destacamos ainda que a leitura é um dos pilares fundamentais da educação, exercendo um papel crucial no desenvolvimento social dos sujeitos envolvidos. No contexto escolar, a noção de leitura deve transcender

a simples decodificação de palavras e de frases, pois precisa ser pautada em uma prática política e social que necessita considerar as condições de produção, isto é, o contexto não só linguístico, mas social, cultural e ideológico.

Desta forma, partindo dos pressupostos teóricos que aqui foram mencionados, além de outros que foram traçados ao longo da formação acadêmica das residentes, desenvolvemos os projetos de leitura e de compreensão na EMEF Cônego Alberto Schwade, os quais serão relatados de forma mais específica a seguir.

Atividades desenvolvidas diante da realidade apresentada

Em busca de proporcionar práticas de formação de leitor que transitem entre o crítico e a ludicidade, no 6º ano optou-se por trabalhar temáticas como a amizade e os valores com a obra literária *O Pequeno Príncipe*, clássico de Saint-Exupéry publicado em 1943. Apontam-se aqui exercícios e estratégias de leitura com o objetivo de formar leitores aptos a dialogarem com imagens, vídeos, conceitos literários e noções básicas de contato e reciprocidade com o próximo, isto é, buscando uma leitura para além do contexto linguístico, uma leitura pautada no conceito de compreensão.

Já o projeto com o 9º ano foi com base na obra literária *A Menina que Roubava Livros*, de Markus Zusak. Esta obra é um bom exemplo de como a literatura pode ser tomada com alicerce para explorar temas profundos e complexos como a guerra, a morte e a resistência humana. Ao mesmo tempo, a obra de Markus Zusak corrobora o poder da literatura e do impacto que as palavras podem ter em nossas vidas. Este projeto envolveu leitura, a produção textual e a oralidade, com aportes em recursos tecnológicos.

Projeto Descobrimo o Universo através de O Pequeno Príncipe

Além de um aporte nos documentos relacionados à realidade escolar e uma base teórica que pensa a leitura para além do mecanismos de decodificação, partindo dos pressupostos estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da Língua Portuguesa, desenvolvemos um projeto literário intitulado “Descobrimo o Universo com o Pequeno Príncipe”, que baseou-se em discussões, reflexões e produções escritas a partir do livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, cuja composição era de 28 alunos.

Abordamos, entre os conteúdos curriculares, o tema *Identidade e sentido da vida*, que está diretamente conectado ao tema do livro, uma vez que explora questões fundamentais sobre o ser humano e a busca por significado na existência. Objetivamos, com isso, criar e estimular o pensamento crítico, a empatia e a compreensão leitora, utilizando diferentes atividades, como leitura, debates, escrita criativa e produção de arte inspirada na obra.

De acordo com a BNCC, os objetos de conhecimentos na disciplina de Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental envolvem: a leitura (reconstrução das condições de produção, circulação e recepção; adesão às práticas de leitura), a produção de textos (construção da textualidade; relação entre textos) e a análise linguística (fono-ortografia; a semântica e a coesão). Sabendo disso, selecionamos habilidades específicas que objetivamos desenvolver durante o projeto, tais como as descritas pelos seguintes códigos: EF69LP44, EF69LP46, EF69LP49, EF67LP21, EF67LP22, EF67LP32 e EF06LP12 (Brasil, 2018)⁷.

Para iniciar o projeto, dedicamos uma aula para apresentar o livro *O Pequeno Príncipe* aos alunos e introduzir o tema central "Identidade e sentido da vida". Promovemos, assim, uma discussão sobre o significado desses conceitos e os incentivamos a fazer reflexões sobre o tema. Além disso, contextualizamos o livro fornecendo informações relevantes sobre o autor, Antoine de Saint-Exupéry. Iniciamos a leitura do livro em conjunto com a turma, a fim de possibilitar que todos os alunos tivessem acesso ao conteúdo e auxiliar na compreensão do texto por meio da discussão e interação entre as professoras e os estudantes.

Durante as aulas seguintes, orientamos os alunos a lerem alguns capítulos em casa, enquanto outros foram lidos em sala, variando sempre a metodologia utilizada (leitura silenciosa, leitura modelo, leitura coletiva, leitura por parágrafos) e trazíamos para os momentos de debate em grupo os sentimentos e emoções aos quais os alunos foram expostos ao lerem. Nesses momentos, surgiram aplicações importantes e necessárias ao ambiente escolar, desde o alcoolismo ao esgotamento causado pelo trabalho em excesso, evidenciando, assim, que houve um processo de compreensão textual, ou seja, estabeleceu-se uma relação do que foi lido com o mundo no qual os estudantes estão inseridos.

⁷ Para leitura completa das habilidades citadas, consultar a BNCC neste endereço eletrônico: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>.

A partir do texto literário, também produzimos diversas escritas como biografia, resenha crítica, dicionário, e trabalhamos questões de escrita, como coesão, coerência, pontuação, ortografia, tempos verbais, características estruturais de cada gênero textual. Com a proposta de um ensino de língua contextualizados, buscamos tornar o texto o centro da aula. Por isso, o estudo do gênero biografia, por exemplo, envolveu o conhecimento da vida do autor Antoine de Saint-Exupéry, e o gênero dicionário envolveu o glossário de palavras aprendidas durante a leitura da obra.

A ideia de produzirmos um dicionário surgiu a partir da leitura dos primeiros capítulos do livro. Os alunos compartilharam suas impressões e relataram a dificuldade de compreender o texto devido à falta de interpretação lexical, a exemplo do vocábulo "cativar". Percebemos a importância desse instrumento como uma ferramenta essencial para construir vocabulário e desenvolver a escrita, sendo desenvolvido a partir do interesse dos alunos. Reconhecemos que a aquisição do vocabulário não deve ser algo estudado ou ensinado isoladamente, mas deve estar associado a estratégias de leitura e escrita, que proporcionam uma compreensão mais profunda e significativa.

Além dessas atividades, propusemos aos alunos a elaboração uma resenha crítica sobre *O Pequeno Príncipe*. Na etapa inicial da produção, formulamos perguntas no quadro sobre o livro, que serviram como ponto de partida para a colaboração dos alunos na construção coletiva da resenha. Em seguida, exploramos as características específicas deste gênero textual, estabelecendo uma conexão com a resenha desenvolvida em conjunto. Posteriormente, desafiamos cada estudante a criar seu próprio texto. Inicialmente, as resenhas foram produzidas no formato tradicional em papel e entregues para correção. Após a nossa revisão, com anotações e comentários, devolvemos os textos aos alunos, e sugerimos a reescrita das resenhas utilizando os computadores disponíveis na escola para a digitação. Esse processo não apenas aprimorou as habilidades de escrita, mas também introduziu o letramento digital, enriquecendo as competências dos alunos.

No contexto evolutivo de nossos objetivos, estavam pautadas a leitura e a escrita. Sabedoras de que a leitura permite ampliar os horizontes de interpretação e mediação da realidade do aluno, pudemos perceber que a prática da escrita, simultaneamente, à leitura do livro tornou a produção textual mais rica e significativa.

Deste modo, entendemos que o papel do professor de língua materna é apresentar o que será lido (o texto, o livro, a imagem, "o corpo em

movimento”, o mundo), justamente porque é através deste auxílio que os alunos interpretam, estabelecem significância ao lido. No nosso caso em especial, acreditamos que nossos estudantes do 6º ano estabeleceram o processo de compreensão da leitura e produziram textos consistentes no decorrer das aulas.

Vale mencionar que as primeiras escritas produzidas pelos alunos se apresentavam desorganizadas e incoerentes, sendo este o nosso maior desafio, isto é, sanar os problemas da escrita (transcrição da fala e coerência). A partir das primeiras impressões, criamos um critério de avaliação, um olhar objetivo para produção - corrigir, analisar, avaliar e comentar.

O propósito de escrever em sala de aula traz consigo a responsabilidade de o professor analisar o texto de modo objetivo e de retornar ao aluno como foi o seu desempenho. Dessa forma, estabelecemos “combinados” e organizamos com os alunos que, ao produzirem um texto escrito, poderiam melhorá-lo ou ter de reescrevê-lo a partir das orientações apontadas pelo docente. Afinal, não há como aprender a escrever sem um processo de reescrita.

Consideramos, então, não só necessária, mas fundamental a análise dos textos com critérios pré-estabelecidos junto aos estudantes, como conceitos, orientações e notas que serviram de parâmetro, tanto para o aluno, quanto para nós, residentes. Este processo foi crucial para que houvesse um acompanhamento, no decorrer das aulas, sobre o processo de desenvolvimento da escrita.

Ao avaliar os alunos, tivemos o cuidado de não só considerar os aspectos de natureza gramatical, apesar de ser considerado um critério relevante; buscamos compreender a evolução do aluno na construção dos textos e, assim, amparar nossa avaliação em pontos positivos e específicos. Vejamos um exemplo: um aluno apresentou um bom texto contendo as características estruturais e gramaticais de forma correta. No entanto, seu texto não apresentou domínio do assunto solicitado. Enquanto isso, outro aluno apresentou um texto com erros ortográficos e demonstrou domínio total do assunto proposto. Entendemos que para a avaliação desses textos temos que atender e valeremos dos critérios estabelecidos, que nos fornecerão as condições necessárias para uma correção justa e objetiva. Nesta perspectiva, relembramos Orlandi (1998, p. 209), quando a autoria diz que

A repetição formal é a que produz textos impecáveis do ponto de vista da correção gramatical, bem comportados do ponto de vista da criatividade, politicamente corretos e chochos, sem aluno dentro. Às vezes, textos que apresentam erros, distorções, dificuldades, são textos que mostram a historicização da repetição, a tentativa de integração em uma memória discursiva para fazer sentido, para fazer "outros sentidos".

Diante do exposto, podemos considerar que os nossos alunos entenderam que a leitura está além de perspectivas inicialmente colocadas, que a história contada em pequenas doses permitiu que os alunos criassem elementos distintos da narrativa, enriquecendo as aulas com questionamentos e com outros desfechos referente aos capítulos. Além disso, o que percebemos e, particularmente nos encantou, foi a assimilação da mensagem da obra *O Pequeno Príncipe* apresentada nas produções textuais com relevantes características subjetivas, conforme são mostradas no anexo.

Projeto Discurso de Ódio e Liberdade de Expressão através de *A menina que roubava livros*

Em concomitância ao projeto mencionado anteriormente, realizamos o projeto Discurso de Ódio e Liberdade de Expressão através de *A menina que roubava livros*. Este projeto foi elaborado para uma turma de 14 alunos do 9º ano da EMEF Cônego Alberto Schwade e buscou desenvolver as habilidades e competências propostas pela BNCC para este ano do Ensino Fundamental, no componente curricular de Língua Portuguesa.

Por conseguinte, a elaboração do projeto utilizou-se de estratégias que buscavam atrair os discentes a partir de seus gostos pessoais. Realizamos, assim, a leitura de textos, debates e utilizamos um pouco da tecnologia disponível em sala de aula⁸, o que, no nosso entendimento, tornaram as aulas mais atrativas para a turma.

Portanto, consideramos que foram mobilizadas as seguintes habilidades da BNCC (2018)⁹ de códigos: EF89LP33, EF89LP05, EF89LP10, EF09LP03, EF89LP12, EF89LP27, EF08LP04 e EF09LP08. Enquanto que os objetivos específicos foram: a) Identificar a importância da liberdade de expressão a partir da obra *A menina que roubava livros*; b) Realizar um debate a partir

⁸ Na rede municipal de ensino de Feliz/RS, há notebooks com acesso à internet disponíveis para os estudantes.

⁹ Para leitura na íntegra das habilidades aqui descritas, ver nota de rodapé nº 8.

da obra *A menina que roubava livros*, envolvendo os temas liberdade de expressão e discurso de ódio; c) Gerar discussões a partir da leitura da obra, bem como de artigos de opinião, entrevistas, notícias, música, entre outros; d) Propor práticas de escrita a partir do tema; e, e) Analisar os efeitos de sentido gerados a partir dos textos lidos.

Dito isto, iniciamos com os estudantes um debate a partir do questionamento sobre “O que é liberdade de expressão?” a partir da obra *A menina que roubava livros*, livro que retrata a opressão da liberdade dentro do cenário da segunda guerra mundial na Alemanha nazista. Instigamos o pensamento crítico dos alunos sobre o tema em questão, trabalhando assuntos através de diferentes gêneros textuais, como os memes, cuja constituição se dá justamente pelas tendências irônicas e ambíguas.

Além disso, outro gênero textual que entrou em pauta foi a música. Solicitamos que os alunos escolhessem uma música com a qual eles se identificassem e realizassem uma paródia com a música escolhida, sobre o tema “liberdade de expressão”. Cada um dos alunos apresentou sua paródia em sala de aula, e assim foi possível conhecer um pouco mais sobre o modo como estes estudantes se colocam no mundo, como se dão seus pensamentos críticos e seus posicionamentos.

Além dessas atividades, realizamos discussões sobre a liberdade de expressão, lemos artigos de opinião, notícias, entrevistas. Conforme as atividades foram sendo realizadas, a leitura da obra *A menina que roubava livros* acontecia nos primeiros trinta minutos de aula.

Quando a leitura da obra havia ganho corpo entre os estudantes, propusemos a realização de um júri simulado abordando o conteúdo do livro, no qual a turma foi dividida em quatro partes: a população, representando o povo oprimido que não tinha liberdade de expressão e não queria a queima de seus livros; os nazistas, que não permitiam opiniões alheias às suas e queriam a queima dos livros que não fora os seus; os jurados, que decidiriam quais os argumentos mais convincentes; e o juiz, aquele que daria o veredito final. A tarefa gerou bastante repercussão na turma mostrando que, mesmo ao representar um lado, seus ideais os deixavam sem argumentos, não conseguindo defender aquilo que iria na contramão de suas crenças e posicionamentos.

Depois da leitura completa do livro em questão, organizamos um dia para assistir ao filme baseado na obra *A menina que roubava livros*, com intuito que os alunos conseguissem observar aspectos semelhantes e/ou mudanças

que ocorreram nestes diferentes suportes textuais: o livro e o filme, além do gênero literário e do cinematográfico.

Em decorrência das atividades realizadas, percebemos um grande avanço no crescimento da turma, tanto na aprendizagem de questões relacionadas a aspectos formais da língua, como também em seus posicionamentos críticos. Antes do projeto, percebíamos a escrita de alguns estudantes com uso limitado e repetitivo de conectivos e, após a leitura e maior interação com a literatura, foi notável uma ampliação vocabular, inclusive com uma melhor produção textual em relação ao posicionamento crítico.

Por fim, é importante ressaltar que a participação nas atividades propostas era espontânea e muito bem recebida por todos, apesar de alguns serem mais introspectivos e participarem da sua maneira. Houve majoritariamente interesse no conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, pois os alunos também acabavam por sugerir maneiras de promover as tarefas de forma a tornar as aulas mais acolhedoras e satisfatórias a todos.

Para finalizar: experiências formativas

Ao longo deste relato, exploramos a importância do ensino da leitura como um processo político e social. Além disso, reconhecemos que a pandemia trouxe desafios significativos para a educação, resultando em defasagens de aprendizagem que exigem abordagens criativas e eficazes para a recuperação do aprendizado.

No âmbito do Programa Residência Pedagógica (PRP) na EMEF Cônego Alberto Schwade, destacamos o compromisso de melhorar a proficiência em leitura e escrita dos alunos. Através da inserção na realidade escolar, desenvolvemos projetos que buscaram mobilizar as quatro práticas de linguagem propostas pela BNCC: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística.

Nossos projetos, "Descobrimo o Universo através de *O Pequeno Príncipe*" e "Discurso de Ódio e Liberdade de Expressão através de *A menina que roubava livros*", foram delineados com base na leitura do mundo escolar, isto é, a partir de documentos norteadores, das diretrizes municipais e escolares, tentando compreender a realidade dos educandos, e com base em fundamentos teóricos que promovem uma compreensão profunda da leitura, da escrita e da oralidade como práticas sociais.

Com o primeiro projeto, buscamos estimular o pensamento crítico, a empatia e a compreensão leitora entre os alunos do 6º ano. Utilizando

\\ Relatos de Experiências

atividades diversificadas e centradas na obra *O Pequeno Príncipe*, conseguimos criar um ambiente de aprendizagem enriquecedor, onde os alunos não apenas aprimoraram suas habilidades linguísticas, mas também exploraram questões fundamentais sobre identidade e sentido da vida.

Já com o segundo projeto, voltado para o 9º ano, abordamos temas mais complexos como discurso de ódio e liberdade de expressão, utilizando a obra *A menina que roubava livros* como ponto de partida. Através de debates, análise de diferentes gêneros textuais e até mesmo simulações de júri, os alunos foram incentivados a refletir criticamente sobre essas questões e a desenvolver suas próprias opiniões de forma fundamentada.

Ao longo dessas experiências formativas, pudemos observar um significativo progresso nos alunos não apenas em termos de habilidades linguísticas, mas também no desenvolvimento de sua consciência crítica e sua capacidade de expressão, tanto na turma do 6º quanto na do 9º ano.

Para finalizar, cabe dizer que, para nós, residentes e docente orientador, a atuação no Programa Residência Pedagógica trouxe não apenas uma oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação acadêmica, mas também uma chance de produzir algo concreto na vida dos alunos, isto é, capacitando-os para posicionarem-se através da oralidade e de textos escritos. Isso, a nosso ver, prepara esses estudantes a enfrentar os desafios complexos do mundo contemporâneo, tal como entender até onde se pode ir com a liberdade de expressão e também como se pode pensar sobre as questões de existência, fazendo, assim, não só a leitura da palavra, mas fundamentalmente a leitura do mundo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. **Divulgação dos resultados do PISA 2022**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/acoes-internacionais/divulgados-os-resultados-do-pisa-2022>. Acesso em: 10 mar. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ORLANDI, Eni P. Identidade Linguística Escolar. *In*: SIGNORINI, Inês (org.). **Lingua(gem) e identidade**: elementos para discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 203-212.

PAYER, Maria Onice. Memória e esquecimento da língua materna e a relação com a escrita. *In*: SCHONS, C. R.; RÖSING, T. M. K. (orgs.). **Questões de escrita**. Passo Fundo/RS: Ed. da UPF, 2005, p. 55-65.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2005.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL POPULAR E MONITORAMENTO CLIMÁTICO NO RIO GRANDE DO SUL: UMA ABORDAGEM INTEGRADA PARA O LETRAMENTO CLIMÁTICO

Marthina Levenzon Pimentel¹, Gabriela Gatelli Alves², Daniel de Oliveira Pereira³, Cassiano Pamplona Lisboa⁴

RESUMO

O relato apresenta a integração dos projetos de extensão “Educação Ambiental Popular: Diálogo dos Saberes” e “Educação Ambiental Popular no enfrentamento da situação de calamidade no RS” com o projeto de pesquisa “Monitoramento de Eventos Climáticos Extremos no Rio Grande do Sul”, realizados no IFRS – Campus Porto Alegre. O principal problema abordado é o impacto das mudanças climáticas em comunidades vulneráveis, causado por eventos climáticos extremos. Com base na Educação Ambiental Popular, o projeto promove letramento climático por meio de oficinas e da produção de materiais didáticos desenvolvidos a partir de um banco de dados de eventos climáticos extremos. A metodologia

¹ Graduada em Tecnologia em Gestão Ambiental no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Porto Alegre. E-mail: marthina@live.com

² Graduada em Tecnologia em Gestão Ambiental no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Porto Alegre. E-mail: gabriela.allvez@gmail.com

³ Graduado em Tecnologia em Gestão Ambiental no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Porto Alegre. E-mail: pereira.daniel.555@gmail.com

⁴ Doutor em Educação, Docente de Ensino de Biologia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Porto Alegre. E-mail: cassiano.lisboa@poa.ifrs.edu.br

combina pesquisa científica, realização de diagnósticos socioeducacionais e práticas educativas participativas. Entre os principais resultados estão o estabelecimento de parcerias com escolas públicas de Porto Alegre, a elaboração de um material didático acessível para a promoção do letramento climático, capacitação de professores, oferta de oficinas para estudantes do ensino fundamental e fortalecimento da resiliência comunitária. Conclui-se que a articulação entre ensino, pesquisa e extensão potencializa a educação ambiental - ao mesmo tempo em que é por ela possibilitada -, ensejando a continuidade e a ampliação das ações voltadas à formação cidadã e à adaptação aos desafios climáticos globais.

Palavras-chave: Educação ambiental popular. Letramento climático. Material didático.

Introdução

Neste relato descrevemos a experiência de integração dos projetos de extensão “Educação Ambiental Popular: Diálogo dos Saberes” e “Educação Ambiental Popular no enfrentamento da situação de calamidade no RS” com o projeto de pesquisa “Monitoramento de Eventos Climáticos Extremos no Rio Grande do Sul”. Trata-se de projetos realizados no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Porto Alegre, com a participação de estudantes de diferentes cursos e que procuram promover o diálogo entre ensino, pesquisa e extensão em uma perspectiva interdisciplinar direcionada ao letramento climático e ao atendimento das comunidades escolares para a superação das dificuldades impostas pelas mudanças climáticas.

As ações de extensão desenvolvidas tomam como referência a noção de Educação Ambiental Popular, tal como definida por Carvalho (2001), isto é, como um ato político e como prática social de formação de cidadania. Nosso foco maior tem sido as escolas públicas localizadas em áreas diretamente atingidas por eventos climáticos extremos, como as inundações de abril e maio de 2024, ou que atendam públicos diretamente impactados. Os projetos pretendem, dessa forma, integrar ações de ensino e pesquisa para promover um conhecimento crítico dessas comunidades e, a partir dele, fomentar ações de extensão sobre o impacto das mudanças climáticas no dia a dia desses grupos.

Nesse contexto, o projeto de pesquisa "Monitoramento de Eventos Climáticos Extremos no Rio Grande do Sul" serve como base científica para a concepção e para a elaboração de materiais didáticos a serem aplicados nas oficinas de letramento climático. O monitoramento e a ocorrência de eventos extremos, como inundações, estiagens e tempestades, apontam impactos sociais, ambientais e econômicos desses fenômenos, principalmente nas comunidades mais vulneráveis (SILVEIRA, 2014). Esse projeto tem contribuído para a construção de um banco de dados dos eventos no Estado, além de disponibilizar subsídios para uso educacional voltados à mitigação dos impactos das mudanças climáticas.

O letramento climático sobre o qual falamos é entendido neste trabalho como um processo de construção de conhecimento científico sobre o clima, desenvolvido a partir dos saberes dos estudantes e voltado à aplicabilidade prática e repercussão social desse conhecimento. Com isso, busca-se preparar os estudantes não somente para interpretar informações científicas, mas também para tomar decisões e adotar práticas ambientalmente responsáveis, reforçando a resiliência comunitária (LEFF, 2001). O relato narra, assim, os principais resultados e observações sobre a integração entre ensino, pesquisa e extensão, enfatizando a criação do material didático como um processo estruturado e participativo. Abordamos também questões metodológicas, as dificuldades enfrentadas e as potenciais contribuições dessa experiência para a promoção de uma educação ambiental transformadora.

Desenvolvimento

O Rio Grande do Sul, situado em uma área climática de transição, sofre com variações extremas de temperatura e precipitação, com episódios de estiagem e inundações podendo ocorrer em qualquer época do ano (SARTORI, 2003). Além disso, a economia e a qualidade de vida da população são fortemente impactadas pelas condições climáticas, com repercussões significativas na agricultura, saúde e conforto térmico (SILVEIRA, 2014). O projeto de pesquisa, nesse sentido, visa monitorar eventos climáticos extremos no estado a partir de 2023, com a formação de um banco de dados que registra a ocorrência e gestão desses eventos ao longo do tempo. Serão identificados eventos de temperatura extrema, precipitação intensa, estiagem e tempestades, além de analisar as consequências sociais, ambientais e econômicas desses fenômenos. A pesquisa também verificará as ações de prevenção e mitigação adotadas pelos diversos setores envolvidos, com o intuito de preservar e transformar os ambientes.

Partindo, portanto, do banco de dados sobre eventos climáticos extremos do projeto de pesquisa e dos diagnósticos socioeducacionais e levantamentos de demandas realizados juntos às escolas parceiras dos projetos de extensão, projetou-se o desenvolvimento de oficinas sobre letramento climático para os alunos e demais integrantes das comunidades escolares.

Para a realização dessas oficinas, identificamos a necessidade de desenvolver material didático específico (Figura 1). A concepção e elaboração desse material didático se deu por meio da pesquisa e da organização dos conteúdos existentes no banco de dados do Projeto de Pesquisa. Parte desses conteúdos foi selecionada para elaborar um conjunto de cartões educativos, organizados em três categorias: boletins meteorológicos, reportagens e alertas da Defesa Civil. A curadoria desse material foi realizada por voluntários e bolsistas vinculados ao Projeto de Extensão, sob a supervisão do coordenador do projeto, assegurando a relevância e a qualidade das informações. Os cartões apresentam dados climáticos simplificados e visuais, como temperatura, umidade, precipitação; notícias climáticas, que trazem relatos de eventos extremos ambientais relevantes; e informações da Defesa Civil, com orientações sobre prevenção e resposta a desastres naturais, como inundações e ondas de calor e frio. Essas categorias refletem a diversidade de temas abordados e asseguram que os estudantes compreendam as interconexões entre os fenômenos climáticos e seu cotidiano.

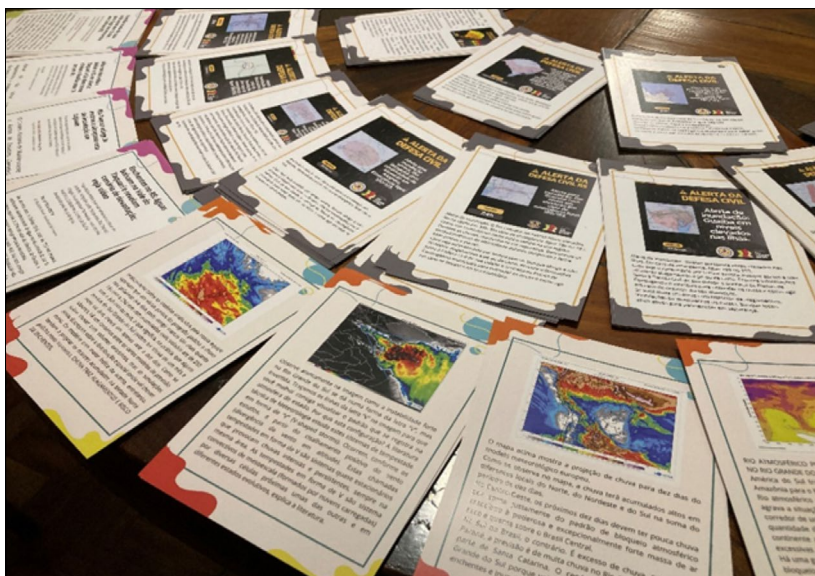


Figura 1. Material didático produzido para as oficinas sobre Letramento Climático.
Fonte: próprios autores (2024).

O conjunto final é formado por 50 cartões coloridos impressos em papel Couché, 210g tamanho 15X21 cm: 13 cartões com boletins meteorológicos (Figura 2); 24 cartões com alertas da defesa civil (Figura 3); e 13 cartões com notícias sobre eventos climáticos extremos (Figura 4). O primeiro cartão de cada conjunto, além da identificação sobre a autoria do material didático, traz um QR code que dá acesso a um conjunto de roteiros de atividades e sequências didáticas que estão sendo desenvolvidos pela equipe de bolsistas e voluntários dos projetos de extensão. Esse repertório de sugestões estruturadas almeja se constituir em ponto de partida para a atuação docente e para o uso criativo dos cartões elaborados. O objetivo deste material é possibilitar aos professores e/ou educadores ambientais o desenvolvimento de atividades diversificadas, introduzindo e consolidando conhecimentos sobre questões climáticas e ambientais.

Com base na leitura e na análise do conteúdo de cada um dos cartões, poder-se-á discutir as relações desses temas com o cotidiano dos estudantes, a partir de suas vivências e concepções. Poder-se-á também identificar aqueles termos e conceitos que necessitam ser mais bem compreendidos ou ressignificados para a elucidação dos significados das mensagens contidas no noticiário, nos alertas da defesa civil e nos boletins meteorológicos. Poder-se-á, por fim, promover o aguçamento do senso crítico dos estudantes acerca das interrelações entre as dimensões política, econômica, cultural e ecológica que ganham destaque na gestão ambiental de eventos climáticos extremos.

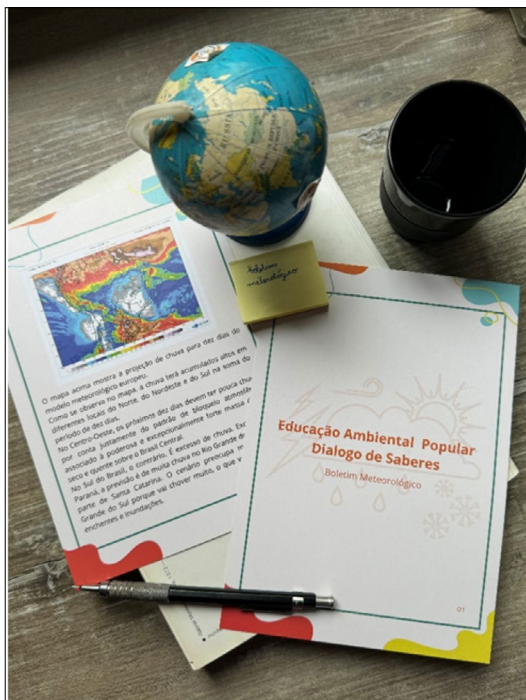


Figura 2. Exemplo de cartão – boletins meteorológicos. **Fonte:** próprios autores (2024).



Figura 3. Exemplo de cartão - alertas da defesa civil. **Fonte:** próprios autores (2024).



Figura 4. Exemplo de cartão – notícias. Fonte: próprios autores (2024).

Conclusão

Destaca-se, por meio deste relato, a importância de se integrar ensino, pesquisa e extensão promovendo o letramento climático em comunidades suscetíveis, principalmente em regiões impactadas por eventos climáticos extremos no Rio Grande do Sul. A confluência entre os projetos de extensão e pesquisa citados mostra ser um processo capaz de trazer questões complexas referentes às mudanças climáticas, possibilitando reflexões críticas e ações transformadoras.

A criação do material didático, formada por cartões didáticos, apresenta-se como um instrumento importante para a contextualização e coletivizar a compressão climática. Esse meio, organizado com base em dados científicos e conhecimentos locais, colabora para auxiliar no entendimento de conceitos complexos, promovendo práticas educativas ajustadas às diferentes dificuldades e níveis de ensino. As oficinas desenvolvidas a partir desse material enfatizam o papel da educação ambiental como uma forma de sensibilização e capacitação, unindo saberes acadêmicos e populares.

Destaca-se, por fim, a relevância de ampliar o diálogo entre comunidades e instituições acadêmicas, de forma a criar soluções mais participativas

eficientes para os desafios impostos pelas mudanças climáticas. A vivência referida recomenda a necessidade de estudos futuros que explorem outras metodologias para fortalecer a resiliência de comunidades em diferentes contextos climáticos e sociais. Recomenda-se, também, a constância e expansão de ações voltadas à formação cidadã e ambientalmente responsável, com intuito de mitigar os impactos das mudanças climáticas e promover uma cultura de adaptação e prevenção.

Referências

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. **Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent.** Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2001.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

SARTORI, Maria da Graça Barros. A dinâmica do clima do Rio Grande do Sul: indução empírica e conhecimento científico. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 20, p. 27-49, jul. 2003.

SILVEIRA, Renata Dias. **Risco climático, vulnerabilidade socioespacial e eventos climáticos extremos relacionados ao calor e ao frio no estado do Rio Grande do Sul.** 2014. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente, São Paulo, 2014.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL POPULAR NUMA PERSPECTIVA DIALÓGICA, COLABORATIVA E INTEGRATIVA DE SABERES CIENTÍFICOS E EXPERIENCIAIS

Cassiano Pamplona Lisboa¹, Anielli de Cássia Canuto², Jéssica Réquia Blini Duarte³

RESUMO

Neste relato apresentamos algumas das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão "Educação Ambiental Popular no enfrentamento à situação de calamidade no RS" junto à Escola Estadual de Ensino Fundamental Camila Furtado Alves. Localizada no bairro Floresta, no município de Porto Alegre, RS, esta escola foi diretamente atingida pela inundação de maio de 2024. Estudam lá, em turno integral, aproximadamente 100 crianças e jovens de comunidades vulneráveis da capital. Tomando como referência a perspectiva da Educação Ambiental Popular, na qual o processo educativo é compreendido como um ato político e como prática social de formação de cidadania, as ações extensionistas aqui descritas tiveram como principal objetivo configurar espaços de diálogo, construção coletivas de conhecimentos e formação

¹ Doutor em Educação, Docente de Ensino de Biologia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Porto Alegre. E-mail: cassiano.lisboa@poa.ifrs.edu.br

² Técnica em Meio Ambiente, Estudante do Curso de Gestão Ambiental da UniRitter. E-mail: anidcassia@gmail.com

³ Estudante do Curso de Gestão Ambiental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Porto Alegre. E-mail: jessicablini@gmail.com

continuada para os integrantes da comunidade escolar. Entre elas, destacamos a realização de oficinas de educação ambiental voltadas aos estudantes dos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental. Como resultados, obtivemos momentos significativos de trocas, aprendizados e afetos. As crianças puderam expressar suas concepções acerca dos temas trabalhados e repensá-las com base nas concepções dos seus colegas e nas informações apresentadas pelos ministrantes. Além disso, estabeleceram relações diversificadas entre o que estavam aprendendo e seus mundos de vida, ressignificando suas leituras sobre eles.

Palavras-chave: Educação Ambiental Popular. Extensão universitária. Diálogo de saberes.

Introdução

Neste relato apresentamos uma síntese das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão “Educação Ambiental Popular no Enfrentamento à Situação de Calamidade no RS”. Este projeto surgiu como uma resposta educacional e social aos impactos das catástrofes climáticas recentes que vêm afetando diferentes regiões do planeta e, de forma particular, o estado do Rio Grande do Sul e o município de Porto Alegre. Configura-se, pois, como um desdobramento extensionista de diálogos e ações que vêm sendo desenvolvidos nos componentes curriculares de Educação Ambiental dos cursos Técnico em Meio Ambiente, Tecnologia em Gestão Ambiental e Licenciatura em Ciências da Natureza do IFRS, Campus Porto Alegre. Tomando como referência a perspectiva da Educação Ambiental Popular (Carvalho, 2001), na qual o processo educativo é compreendido como um ato político e como prática social de formação de cidadania, o projeto de extensão objetiva contribuir para a qualificação da formação inicial dos estudantes desses cursos a partir da aproximação e do diálogo com diferentes setores da sociedade. Objetiva também contribuir para a promoção da Educação Ambiental Popular em instituições de educação públicas, configurando espaços de diálogo, construção coletivas de conhecimentos e formação continuada para suas comunidades escolares.

Apartir do estabelecimento de parcerias com escolas públicas diretamente atingidas pelos eventos climáticos extremos deste ano, nossa metodologia de trabalho prevê a realização de diagnósticos socioeducacionais e o

levantamento de demandas junto a essas instituições e suas comunidades escolares; o planejamento de ações educacionais ambientais populares; o desenvolvimento e a avaliação coletivos dessas ações. A equipe de trabalho é composta por estudantes bolsistas e voluntários dos três cursos já mencionados. Além destes, foram incluídos no segundo semestre de 2024 os estudantes do terceiro semestre do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental matriculados no componente curricular de educação ambiental, num esforço e ensaio de curricularização da extensão.

As ações extensionistas que serão detalhadas a seguir foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Camila Furtado Alves, localizada no Bairro Floresta em Porto Alegre. Esta escola atende em turno integral aproximadamente 100 crianças e jovens de comunidades vulneráveis, como os moradores do Loteamento Santa Terezinha (também conhecido como Vila dos Papeleiros) e de outras regiões próximas. A principal fonte de renda das famílias advém da catação e comercialização de materiais recicláveis. A escola foi diretamente atingida pela inundação ocorrida em maio de 2024 e, desde então, enfrenta desafios estruturais significativos. Embora disponha de espaços de lazer para os alunos, boa parte da área externa necessita ser revitalizada. Nesse contexto, as ações educativas desenvolvidas buscaram transformar o ambiente escolar em um espaço mais acolhedor, assim como promover entre os estudantes a reflexão acerca dos seus ambientes e modos de vida.

Desenvolvimento

Após a divulgação do projeto de extensão junto à equipe diretiva da escola e da formalização da parceria, iniciamos nosso diagnóstico socioeducacional nos moldes das pesquisas socioantropológicas descritas por Brandão (2003) e Franco et al (2020). Nosso intuito principal nesta etapa foi o de estabelecer vínculos com os sujeitos, identificar suas principais demandas e engajá-los na definição das ações a serem desenvolvidas. Uma das primeiras demandas identificadas durante o diagnóstico foi a da revitalização das áreas externas da escola. Nos diálogos estabelecidos, nossos interlocutores manifestaram o desejo de construir uma horta e de plantar árvores nos pátios utilizados como espaços de lazer pelos estudantes; ao mesmo tempo, externaram suas preocupações com uma possível contaminação do solo, haja vista a qualidade das águas e o tempo em que ficou submerso durante a inundação.

A primeira ação desenvolvida, portanto, foi a realização de uma análise detalhada das condições do solo. Por meio de uma parceria com professores da área de Ciências Ambientais do IFRS, campus Porto Alegre, a análise foi realizada pelos estudantes do terceiro semestre do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental em duas áreas da escola, incluindo testes laboratoriais no IFRS e na UFRGS. Entre os resultados obtidos, identificou-se a alta salinidade e concentração de coliformes fecais, além de alterações na biodiversidade devido à submersão prolongada do solo. O estudo concluiu que o solo da área de convivência, embora fértil, necessitava de manejo específico, incluindo revolvimento, exposição ao sol e adição de solo orgânico (terra preta). Essas intervenções foram recomendadas para restaurar a saúde do solo e viabilizar o plantio de árvores e hortaliças.

Em seguida, planejamos e implementamos oficinas de educação ambiental voltadas aos estudantes dos quatro primeiros anos do ensino fundamental. Também com base no diagnóstico realizado, essas oficinas versaram sobre temáticas relacionadas aos cotidianos dos estudantes e tiveram como objetivo comum promover “uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações” (BRASIL, 1999). Esse objetivo da EA, definido em nossa Política Nacional de Educação Ambiental e reafirmado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (BRASIL, 2012), fundamenta-se numa concepção de ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre os meios natural e sociocultural.

Para tanto, considerando as faixas etárias do público-alvo, as oficinas foram planejadas com base em metodologias ativas de aprendizagem, enfatizando aspectos lúdicos e a participação ativa das crianças. Esse planejamento se deu no âmbito da disciplina de educação ambiental, novamente pelos estudantes do terceiro semestre do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental. Sob a forma de rodas de conversa, o arranjo metodológico das oficinas privilegiou as concepções dos estudantes numa sequência de momentos cujas durações dependeram dos seus interesses e nível de engajamento. As temáticas trabalhadas foram as seguintes: flora nativa (primeiro ano) (Figura 1); gestão de resíduos (segundo ano) (Figura 2); concepções de ambiente (terceiro ano); e matérias-primas da natureza, de onde vêm e no que se transformam (quarto ano).



Figura 1. Oficina sobre a flora nativa. Fonte: próprios autores (2024).



Figura 2. Oficina sobre gestão de resíduos. Fonte: próprios autores (2024).

Como resultado dessas oficinas, obtivemos momentos muito significativos de trocas, aprendizados e afetos. As crianças puderam expressar suas concepções acerca dos temas trabalhados e repensá-las com base nas concepções dos seus colegas e nas informações e questionamentos apresentados pelos ministrantes. Além disso, estabeleceram relações diversificadas entre o que estavam aprendendo e seus mundos de vida, ressignificando suas leituras sobre eles. A compreensão de que o ambiente é um todo integrado do qual fazemos parte foi efetivamente promovida por meio das atividades propostas e se expressou em diferentes momentos nas falas, perguntas, desenhos e atitudes das crianças. Por fim, também como um resultado dessas oficinas, tivemos o início do planto de árvores nativas no pátio da escola com a participação da turma de primeiro ano do ensino fundamental que “adotou” – e a partir de agora poderá acompanhar o crescimento de – duas mudas: uma pitangueira (*Eugenia uniflora*) e uma erva-mate (*Ilex paraguarienses*).

Conclusão

À guisa de conclusão, gostaríamos de destacar algumas de nossas apostas quando da concepção deste projeto. A primeira delas se refere ao arranjo metodológico que objetivou promover a integração entre os estudantes desses três cursos que possuem como eixo comum a temática ambiental. Concluídas as atividades descritas acima e considerando o retorno que obtivemos de todos os envolvidos, parece-nos plausível continuar acreditando nas potencialidades desse tipo de diálogo por meio do qual diferentes itinerários formativos, naquilo que os distingue, complementam-se reciprocamente. Em direção semelhante, no que tange à promoção da integração entre o conhecimento científico e os conhecimentos das comunidades escolares com as quais interagimos, a busca por uma escuta sensível e pela participação ativa dos seus integrantes na definição das ações extensionistas que serão desenvolvidas nos parece um posicionamento interessante de ser adotado, pois possibilita “não só a fusão e integração de conhecimentos provenientes de diferentes ciências, mas a reformulação de seus paradigmas de conhecimento a partir dos problemas socioambientais concretos que se apresentam à competência de novos profissionais” (LEFF, 2001, p.261)

Ao considerar o ambiente como um “campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os elementos constitutivos dessa relação modificam-se dinamicamente e mutuamente”

(CARVALHO, 2008, p.37), nossa concepção de educação ambiental aponta para a importância da adoção de uma perspectiva dialógica, colaborativa e integrativa de saberes científicos e experienciais (CORBETTA, 2015). No projeto de extensão em tela, portanto, a adoção dessa perspectiva se converte simultaneamente em condição de possibilidade para a promoção de uma compreensão integrada do ambiente e em eixo em torno do qual o arranjo metodológico se estrutura.

Esperamos com isso que as ações extensionistas que vêm sendo desenvolvidas se convertam em tempos e espaços de escuta, desistematização coletiva de memórias e experiências, de construção de saberes e de articulação entre diferentes disciplinas e áreas do saber, permitindo aos sujeitos envolvidos a reflexão crítica acerca dos lugares sociais que ocupam e a reconstrução criativa de suas identidades à luz de seus itinerários de vida.

Referências

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. **Pergunta a várias mãos**: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003. BRASIL.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Lei 9795, 1999.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012**. Estabelece as diretrizes curriculares nacionais para a educação ambiental. Brasília: MEC, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. **Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent.** Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2001.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Editora Cortez, 4. ed., 2008.

CORBETTA, Sílvia. Pensamiento Ambiental Latinoamericano y Educación Ambiental. **Revista del Plan Fénix. Voces en el Fénix. Voces de la Tierra**, v. 6, n. 43, 2015.

FRANCO, Ronan Moura *et al.* Pesquisa socioantropológica: estratégia dialógica de construção do diagnóstico preliminar da realidade escolar. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e514974330-e514974330, 2020.

CAPACITAÇÃO DE PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DA REGIÃO DO VALE DO RIO CAÍ PARA EMISSÃO DE NOTAS FISCAIS ELETRÔNICAS NA ATIVIDADE RURAL

Liane Maria Schuster¹, Lais Flach Kunrath², Brenda Preussler³, Suzerly Buhler de Jesus⁴, Júlio César de Vargas Oliveira⁵.

RESUMO

A modernização do setor agropecuário e agroindustrial, impulsionada pela NF-e, busca aumentar a eficiência e a transparência nas operações comerciais e tributárias. No entanto, muitos produtores enfrentam desafios significativos, como baixa escolaridade, acesso limitado à tecnologia e infraestrutura inadequada, que dificultam a transição para o meio digital. O projeto teve como objetivo geral promover o curso de emissão de Nota Fiscal Eletrônica (NF-e) para pequenos produtores rurais da região do Vale do Caí, no Rio Grande do Sul, cuja adoção se tornou obrigatória desde 1º de maio de 2024. Como método, firmou-se uma parceria entre o Sindicato Rural dos Trabalhadores Rurais de

¹ Tecnóloga em Processos Gerenciais – Estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Feliz*. liane.schuster@aluno.feliz.ifrs.edu.br.

² Tecnóloga em Processos Gerenciais – Estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Feliz*. lais.kunrath@aluno.feliz.ifrs.edu.br.

³ Tecnóloga em Processos Gerenciais – Estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Feliz*. brenda.preussler@aluno.feliz.ifrs.edu.br.

⁴ Tecnóloga em Processos Gerenciais – Estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Feliz*. suzerly.buhler@aluno.feliz.ifrs.edu.br.

⁵ Doutor em Agronegócios – Docente de Contabilidade no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Feliz*. julio.oliveira@feliz.ifrs.edu.br

Feliz, Vale Real, Alto Feliz e Linha Nova, junto com o SENAR, para realizar a capacitação. Como objetivos específicos destaca-se: a) aumentar a produtividade; b) melhorar a gestão e planejamento dos produtores; c) fortalecer a comunidade local; d) promover a autonomia dos pequenos agricultores. Foram contemplados 14 produtores rurais, que realizaram o curso. Os acadêmicos do Curso de Tecnologia em Processos Gerenciais organizaram a capacitação, desde o contato com a Secretaria de Agricultura do Município de Feliz, Sindicato Rural, e Cooperativas patrocinadoras do evento. Ao final da capacitação, os participantes responderam a um instrumento de pesquisa semiestruturado.

Palavras-chave: Produtor Rural. Nota Fiscal do Produtor. Gestão tributária. Tecnologia.

Introdução

A modernização do setor agropecuário e agroindustrial tem se mostrado uma tendência irreversível, impulsionada pela necessidade de eficiência e transparência nas operações comerciais e tributárias. Entre as inovações mais significativas está a implantação da Nota Fiscal Eletrônica (NF-e) para produtores rurais.

Segundo o Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), a adoção obrigatória da Nota Fiscal Eletrônica para produtores rurais a partir de 1º de maio de 2024 visa modernizar o setor, aumentando a transparência e eficiência das operações comerciais. Essa ferramenta digital substitui o antigo sistema de talões de papel, o famoso talão do produtor, permitindo que as transações comerciais sejam registradas de maneira rápida e segura, diretamente pelo celular ou computador, a partir da própria residência do produtor. Imagine um cenário onde o produtor rural, com sua produção robusta, se torna um pilar fundamental para o crescimento da arrecadação tributária no Brasil, impulsionando assim os recursos dos estados e municípios.

O advento da NF-e trouxe uma série de benefícios, como a centralização dos dados de Notas Fiscais de entradas e saídas, a redução dos custos operacionais, e uma maior rastreabilidade das transações, contribuindo para um ambiente comercial mais transparente e menos suscetível a erros.

Apesar das vantagens evidentes, a transição para a emissão de documentos fiscais eletrônicos apresenta desafios consideráveis, especialmente para

os pequenos produtores rurais. Na região do Vale do Caí, localizada no Estado do Rio Grande do Sul, muitos desses produtores rurais de pequeno porte enfrentam dificuldades em acessar e utilizar as tecnologias digitais necessárias para a emissão de notas fiscais eletrônicas. A baixa escolaridade e conhecimento, a limitação de recursos financeiros para a aquisição de equipamentos, e a infraestrutura inadequada, como a falta de acesso à internet em áreas rurais, são barreiras que impedem a adoção plena da NF-e. Essas limitações não apenas atrasam a adaptação às novas exigências fiscais, mas também aumentam a possibilidade de erros na emissão dos documentos, comprometendo a conformidade fiscal e a eficiência das operações comerciais e tributárias.

Diante deste cenário, a capacitação dos pequenos produtores rurais da região do Vale do Caí para a emissão de documentos fiscais eletrônicos torna-se uma necessidade urgente. Este projeto tem como objetivo principal promover a inclusão digital no campo, através da elaboração de materiais didáticos, como um manual de instruções detalhado e acessível, e da realização de palestras educativas conduzidas por especialistas na área fiscal. Além disso, a visitação a propriedades rurais permitirá uma compreensão mais profunda das necessidades e desafios enfrentados pelos produtores, possibilitando a criação de soluções mais eficazes e adaptadas à realidade local.

Este projeto visa ajudar pequenos produtores rurais a se adaptarem às exigências do mercado sem prejudicar suas atividades. Estudos mostram que fatores como escolaridade, acesso a assistência técnica e tecnologia são cruciais para adotar novas tecnologias no agropecuário. Capacitar esses produtores fortalece sua autonomia e competitividade, promovendo o desenvolvimento sustentável e o crescimento econômico na região do Vale do Caí. Portanto, a implementação das ações propostas visa não só ensinar os produtores a emitir notas fiscais eletrônicas, mas também criar um ambiente de aprendizado contínuo, onde os produtores possam se sentir confiantes para lidar com as novas exigências fiscais e, assim, potencializar o crescimento de seus negócios de forma sustentável.

Como metodologia de pesquisa, foi aplicado um instrumento de pesquisa junto ao público que frequentou o curso. Cabe ressaltar que, além dos produtores rurais, estavam presentes servidores públicos das prefeituras, vinculados às secretarias de agricultura ou a secretaria de planejamento, ou seja, setores interessados em prestar o atendimento ao contribuinte,

ou responsáveis por gerenciar projetos e recursos a serem repassados aos municípios de origem, que possuem no agronegócio uma participação significativa no Produto Interno Bruto (PIB) do município ou da região.

O instrumento de pesquisa com 8 questões, sendo 1 questão aberta e 7 questões fechadas. Os resultados serão apresentados no tópico a seguir.

Desenvolvimento

O projeto visa a capacitação dos pequenos produtores rurais na região do Vale do Caí, com o intuito de alcançar resultados significativos em diversas áreas. Os principais resultados esperados são: Aumento da Produtividade, Melhoria na Gestão e Planejamento, Fortalecimento da Comunidade Local, Autonomia e Independência.

Esses resultados não apenas visam melhorar a eficiência e a eficácia dos pequenos produtores, mas também têm o potencial de transformar a dinâmica econômica e social da região do Vale do Caí, promovendo um desenvolvimento sustentável e inclusivo.

Com relação aos resultados do instrumento de pesquisa aplicados junto aos participantes da capacitação verifica-se que, o tempo de atuação na atividade agrícola varia de 1 a 45, numa média de 18,15 anos de atividade.

Dos 15 participantes da capacitação (Figura 1), 14 utilizam o talão de produtor rural e apenas 1 afirmou que não. Em relação ao aplicativo nota fiscal fácil⁶, 5 participantes já emitiram documentos fiscais eletrônicas e 10 não. De forma unânime, todos os participantes acreditam que o curso será útil para o processo de aprendizado para emissão da NF-e. Treze (13) participantes relataram estar acostumados a acessar a internet e 2 não. Quatorze (14) assinalaram que têm acesso fácil a internet e 1 não. Cinco participantes emitem NF-e semanalmente, 4 mensalmente, 2 diariamente e 4 participantes nunca emitiram, emitem poucas vezes, uma NF-e por mês e um assinalou que emite “muitas” NF-e, mas não soube precisar a quantia de notas emitidas. Seis produtores já participaram de outros cursos relacionados à emissão de notas fiscais ou a gestão rural, e 9 não.

⁶ O app permite a emissão de documentos fiscais de forma simplificada pelos contribuintes, deixando toda a complexidade tributária a cargo da Receita Estadual (RE). Uma das principais novidades é a emissão de um QR Code de leitura das notas emitidas de forma off-line. <https://www.fazenda.rs.gov.br/inicial>.



Figura 1. Participantes e organizadores do Curso de Emissão de Notas Fiscais para pequenos produtores rurais. **Fonte:** Dados da atividade de extensão (2024).

Conclusão

O Curso de emissão de Notas Fiscais eletrônicas para pequenos produtores rurais atingiu o objetivo proposto. Durante dois dias, essas pessoas participaram do treinamento promovido pelo consultor do SENAR, onde num turno realizou-se uma etapa de “tira dúvidas”, tais como o que é uma nota fiscal eletrônica, se já havia emitido uma nota, questões de acesso ao sistema SOUGOV.BR, certificado digital, a necessidade de ter inscrição estadual junto a Secretaria da Agricultura do município da propriedade. No turno seguinte, iniciou-se a apresentação do sistema da nota fiscal fácil, baixado via aplicativo no celular, e o sistema da Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul, chamado Emissão de Nota Fiscal Avulsa, com as rotinas que poderiam ser realizadas, como um “teste” para geração do documento fiscal, acesso aos produtores cadastrados na base de dados e a conclusão da geração do documento fiscal.

Verifica-se, pelos resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas junto aos participantes, que os objetivos foram atingidos, tanto em relação qualificação para ação de emitir NF-e, como outras questões abordadas, tais como acesso determinados sites, redes sociais, uso de inteligência artificial, constituição de um banco de dados que possa facilitar o levantamento do Censo Agropecuário, pois uma quantidade significativa de informações da produção primária estarão registrados no sistema virtual da Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul, em conjunto com outros dados a nível de Brasil.



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio Grande
do Sul

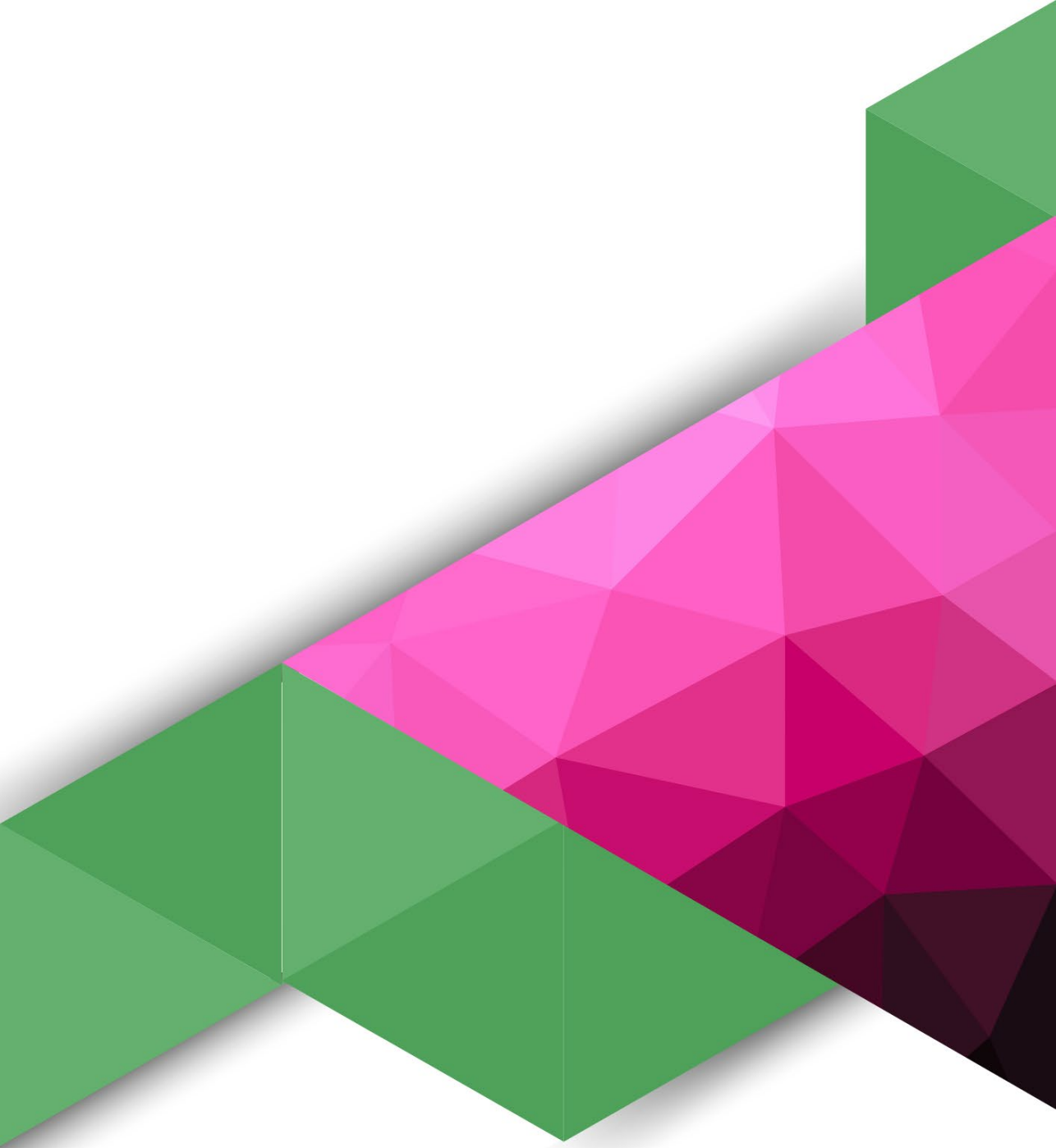
ViverIFRS

Revista da Pró-reitoria de Extensão do IFRS

viverifrs@ifrs.edu.br

<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS>

2024 | Instituto Federal do Rio Grande do Sul



*Viver*IFRS

Revista da Pró-reitoria de Extensão do IFRS

Rua General Osório, 348 - Sala 601 - Centro

CEP: 95700-086 - Bento Gonçalves/RS

Telefone: (54) 3449-3337

viverifrs@ifrs.edu.br

<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS>